



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Biológicas
Departamento de Ecologia e Zoologia
Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica**

Etnobotânica de plantas utilizadas como medicinais pelos benzedores nos municípios de Imbituba e Garopaba- SC – Brasil.

Monografia apresentada como exigência para
obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Biológicas, no Centro de Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Santa Catarina.

**Orientadora: Prof. Dra. Natalia Hanazaki.
Julia Vieira da Cunha Ávila**

Florianópolis, 2012

*Dedico esse trabalho aos
benzedeiros de Imbituba e
Garopaba por se dedicarem ao
cuidado, saúde e proteção da
comunidade.*

*Dedico-o igualmente aos meus
pais, Euclides e Elizabeth, e a
minha irmã Roberta, pelo que não
se traduz.*

*"Repousam no fundo da minha alma, as boas e as más sortes.
O que de bom, diariamente, me aflui, quero notar.
Nisso se mostra
o que os Deuses fizeram de mim;
o que de grave, às vezes, me aflui, quero suportar.
Nisso se me mostra
o que eu mesmo posso fazer de mim.
Agradeço a minha boa sina como vivo agora;
Agradeço ao meu vigor na má sina: a força que pode conduzir-
me subindo na vida.
Quem crê só que a boa sina promove,
a má sina só curva, esse não vê o ano, mas somente o dia.
Há um Deus dentro de mim,
há um mundo ao meu redor.
Se estiver ouvindo o mundo,
ao meu Deus ouço melhor."*

Rudolf Steiner

AGRADECIMENTOS

À minha família (Mãe, Pai, Rô, tia Fátima, tio Léo, Juço, Rosalva, Larissa), por esse trabalho completar a conquista de mais um sonho Nosso, realizado em Conjunto. Pelo apoio incondicional e torcida em todos os sentidos, pelo crescimento contínuo, permeado sempre de Amor, que nos une e faz superar todas as adversidades, independentemente do tempo que necessite... Por serem meu Porto e as pessoas maravilhosas que são...

À todos os benzedores e seus atendidos, com os quais contatei em Imbituba e Garopaba, obrigada pela abertura, confiança em mim e no meu trabalho, por compartilharem formas de viverem e seus conhecimentos sobre as plantas e sobre o mundo. À Natalia Hanazaki, por me inspirar como profissional, pelos auxílios diversos prestados aos desenvolvimentos meu e deste trabalho. Aos membros da banca avaliadora: Cesar Paulo Simionato, Márcia Grisotti e Tânia Tarabini Castellani, por terem aceitado participar da mesma.

Aos amigos de Floripa, em especial a Clá, pelo Amor fraterno, amizade, carinho, pelos lugares maravilhosos que conhecemos juntas, por me apresentar a Antroposofia e tantas outras coisas que transformaram minha vida. Ao Mick, pelo Amor, Irmandade, Respeito, por estar ao meu lado com os braços abertos, pelas palavras de conforto, sabedoria e divertimento, foi um prazer te “aturar” em casa, tá! À Marinão e Ju Locatelli, pela amizade, parceria, por me apresentarem lugares e pensamentos diferentes e lindos, “por estarem lá”. A Bru pelas vivências no “Projeto Bugio” e conversas sincrônicas, por fazer parte da minha vida mesmo que à distância, do mesmo modo, faz parte de minha vida e agradeço à Má Favrim, pelos sonhos construídos e realizados juntas com as “Danças Circulares Sagradas” e a amizade linda que surgiu a partir daí. Aproveito para agradecer ao Leandro Belinaso por ter me dado oportunidade de desenvolver o tema “Dança Circular” no meio acadêmico.

Agradeço às amigas que amo e tornam meus dias em Floripa mais floridos e divertidos: Camilinha, Ari, Julinha, Malu, Jéssica, Aninha, Cecil, e Má Matulja. Agradeço também à Aninha, ao XiTão, a Aline, queridos. Aos amigos dos Projetos Biodiversidades 1 e 2, por me fazerem acreditar na autogestão e na força de um grupo um objetivo

maior em comum, e, à Família do Pedal, que fez da viagem à ilha do Mel um momento de muita união e ajuda mútua, lindo demais! Ao Lucas, por contribuir com meu reencontro com minha própria Deusa e minha fé.

Aos amigos de colégio, da UNESP e do cursinho, pelos momentos especiais e inesquecíveis, guardados no coração: Brubru, Guili, Edu, Stá, Cris, Aline, Bia, Manu, Bernardo, Suelem, Alonso, Martinha, Amanda, Jacke, Bel, Fabi, Joana, Mikareta, Diego, Dylon, Braga, Taji Mahal, Suhellen, Nicole e Mariah. Aos amigos que já moraram ou moram comigo: Sil, Rô, Cá, Mick, Danthe, Anthony, Bá, Sofi, Rê, Grazi, Acauã e Kali pelos ensinamentos sobre a convivência, o compartilhar e pelo carinho ao lidar com as “luzes e sombras” tão de perto.

Agradeço também ao Anderson Mello, Daniel Falkenberg e Cesar Simionato, pelo auxílio prestados na identificação das plantas do presente estudo. À todos os amigos do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, somos muitos e sem exceções vocês estão aqui citados! Obrigada pelas boas companhias e pelas conversas que contribuíram muito para a construção desse trabalho. Às pessoas que me ajudaram no campo: Jadna e Mick, e, a Mitie e a Fê, que também estavam presentes na área de estudo, contribuindo para os campos fossem muito mais acolhedores. Agradeço em especial à Sofia pelas nossas conversas terem norteado em especial a realização desse trabalho e à Mari Giraldi, que também prestou contribuições na correção do mesmo.

Por fim agradeço à FAPESC por apoiar o projeto: “Etnoecologia e etnobotânica no litoral centro-sul de Santa Catarina”) e ao CNPq que apoiou o projeto: “Etnobotânica nos Areeais da Ribanceira de Imbituba”), financiando parte das atividades exercidas em campo.

Obrigada!

Sumário

RESUMO.....	7
LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE TABELAS	9
INTRODUÇÃO	10
OBJETIVOS	17
Geral	17
Específicos	17
METODOLOGIA	17
Área de estudo	17
Imbituba.....	18
Garopaba.....	19
Coleta de dados.....	20
Análise dos dados	23
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
Quem são os benzedores e seus atendidos?	24
Benzeduras como práticas curativas	29
Benzedores e as plantas	36
Listagem-Livre de plantas usadas como medicinais.....	40
Aprendizado.....	85
O passado e o presente das benzeduras na visão dos benzedores e seus atendidos	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
DEVOLUTIVAS DA PESQUISA	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90
Anexo 01 - Certificado do Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.....	96
Anexo 02 – Termo de Consentimento.....	97
Anexo 03 – Questionário Sócio-econômico	98
Anexo 04 – Questionário referente à benzeduras e ao uso das plantas para a cura.....	99
Anexo 05 – Listagem livre de plantas usadas com fins medicinais	99
Anexo 06 – Tabela indicativa das doenças presentes em cada categoria de uso.	102
Anexo 07 – Glossário das doenças apontadas pelos entrevistados	104

RESUMO

Os benzimentos são praticados em diversas culturas de formas distintas e contam com o auxílio de diferentes elementos da natureza e da religião, porém, todos possuem o mesmo objetivo: curar, abençoar e/ou proteger contra forças negativas. Muitos benzedores que acreditam nos poderes das ervas e das plantas medicinais, utilizam-as durante a benzeção. O presente trabalho teve como objetivo investigar o conhecimento etnobotânico a respeito de plantas utilizadas para cura por benzedores nos municípios de Imbituba e Garopaba– SC, Brasil, discutindo como a população utiliza essa prática atualmente e sua forma de transmissão ao longo do tempo, comparando esses dados com informações dos próprios entrevistados referentes ao passado. Foram entrevistados 16 benzedores e 37 atendidos por esses; que citaram respectivamente 156 e 142 espécies botânicas de plantas usadas medicinalmente. As espécies mais citadas para ambos os grupos, não consecutivamente, foram *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim), *Mentha* sp. 2 (Hortelã), *Ruta graveolens* L. (Arruda) e *Hyptis suaveolens* (L.) Poit. (Erva-cidreira). Neste trabalho é discutida a influência dos benzedores na manutenção desse conhecimento na comunidade e no plantio das espécies nos quintais, importantes locais de obtenção das plantas para ambos os grupos de entrevistados. Segundo os entrevistados, esses espaços de coleta de plantas têm diminuído em frequência e tamanho ao longo do tempo. As benzeduras, com o desenvolvimento do SUS (Sistema Único de Saúde) e dos medicamentos industrializados, deixaram de ser a principal forma de busca pela manutenção da saúde e cura de enfermidades, mas ainda apresentam-se em vigência, mesmo que procurados agora com menor frequência, mostrando como a medicina moderna é usada em conjunto com as formas tradicionais de medicina. Salienta-se a idade avançada dos benzedores e a fragilidade que isso representa à essa forma tradicional de cura e de utilização dos recursos vegetais como terapêuticos, não sendo possível prever por quanto tempo seus serviços estarão presentes na comunidade em prol da saúde local.

Palavras-chave: Curandeiros, Plantas Medicinais, Benzimentos, Prática Terapêutica Tradicional, Ecologia Humana.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Localização dos municípios de estudo, destacados por uma estrela. (Fonte: modificado de <http://www.sismatec.com.br/representantes.php> e <http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2009/12/mapa-politico-santa-catarina.gif>) data de acesso: 08.12.2011. 18
- Figura 2. Durante a presente pesquisa foram aplicados questionários estruturados e semi-estruturados aos grupos de entrevistados (foto: Cássio Batista Marcon)..... 22
- Figura 3. Na imagem abaixo vemos alguns espaços reservados por diferentes benzedores entrevistados para realizar a prática da benzedura (foto: Julia Ávila).... 31
- Figura 4. Turnês-guiadas realizadas com os entrevistados para complementação de dados e coleta de material (Fotos: Julia Ávila e Cássio Batista Marcon).....81
- Figura 5. Porcentagem de citações das Família Botânicas usadas como medicinais por benzedores (N=23) e atendidos (N=37) de Imbituba e Garopaba-SC.....82
- Figura 6. Curva de Acumulação de Espécies.....82
- Figura 7. Categorias de usos das plantas citadas como medicinais por benzedores (n=16) e atendidos (n=37) de Imbituba e Garopaba-SC.....83
- Figura 8. Porcentagem das partes das plantas utilizadas com fins medicinais pelos benzedores (n=16) e seus atendidos (n=37) em Imbituba e Garopaba-SC.....83
- Figura 9. Porcentagem de formas de utilização das plantas como medicinais por benzedores (n=16) e seus atendidos (n=37) em Imbituba e Garopaba-SC.....84
- Figura 10. Porcentagem dos locais de obtenção das plantas usadas medicinalmente por benzedores (n=16) e seus atendidos (n=37) em Imbituba e Garopaba-SC.....84
- Figura 11. O uso do chá industrial e da compra de plantas pelos moradores da área de estudo..... 85
- Figura 12. Livro da Pastoral da Saúde que ensina a utilização e forma de preparo das plantas com finalidades terapêuticas.....87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Dados sócio-econômicos de 16 entrevistas realizadas com benzedeadas nos Municípios de Imbituba/SC e Garopaba/SC.....	28
Tabela 2. Informações referentes à Benzedura como prática curativa.	366
Tabela 3. Informações referentes as Benzeduras e as plantas.	40
Tabela 1. Informações referentes à Benzedura como prática curativa.....	36
Tabela 5. Informações referentes ao aprendizado dos benzedores e seus atendidos.	61
Tabela 6: Rezas similares registradas em Imbituba e Florianópolis.....	86
Tabela 7. Informações referentes ao aprendizado dos benzedores e seus atendidos.....	87
Tabela 8. Opinião dos Benzedores Referentes a mudanças entre o passado e presente.....	88

INTRODUÇÃO

A grande dependência do ser humano pelos recursos vegetais o estimula a ser um dos grandes agentes de modificação desses, alterando as estruturas naturais com a finalidade de suprir de forma mais eficiente suas diversas necessidades (ALBUQUERQUE, 2005). As formas peculiares de cada pessoa perceber os recursos e as riquezas da natureza e, a partir disso, lhes dar significado e utilidade, estariam relacionadas à cultura de cada um (TOLEDO, 1995).

Pesquisas empíricas investigando o uso que se dá às plantas e como esse conhecimento é transmitido ocorreram informalmente ao longo de toda história (DAVIS, 1995). No contexto acadêmico, há pouco mais de cem anos passou-se a utilizar o termo Etnobotânica (MINNIS, 2000) para referir-se às pesquisas que visam compreender como se dão as interações das pessoas de diversas culturas com as plantas, abrangendo seus conhecimentos e formas de classificação específicas (ALBUQUERQUE, 2005; ALCORN, 1995).

Apesar de nossa relação de dependência pelos recursos vegetais, Ray & McCormick-Ray (1994) salientam que o modelo de desenvolvimento hegemônico no cenário global fundamenta-se numa ideologia economicista, que reforça a ação dos seres humanos sobre a natureza. Neste cenário, o conhecimento tradicional possui valiosas informações sobre o papel que as espécies vegetais desempenham em sistemas ecológicos sustentáveis (GADGIL *et al.* 1993). Entretanto fatores como a maior exposição das comunidades à sociedade moderna e sua conseqüente pressão econômica e cultural, a maior facilidade de acesso aos serviços de medicina moderna (AMOROZO, 2002) e o deslocamento de pessoas de áreas rurais para regiões urbanas, poderiam levar a transformação do caráter utilitário do conhecimento acumulado (VALLE, 2002).

Em muitos locais do mundo os indivíduos buscam amuletos, talismãs, bênçãos e cumprem ritos, com a finalidade de evitar males, geralmente relacionados à saúde (PARKER, 1995). Gorzoni (2005) aponta que os benzimentos são praticados em diversas culturas de formas distintas e contam com o auxílio de diferentes elementos da natureza e da religião, porém, todos possuem o mesmo objetivo: curar, abençoar e/ou proteger contra forças negativas.

Muitos benzedores acreditam nos poderes das ervas e das plantas medicinais, utilizado-as durante a benzeção (AGUIAR, 2009; DIAS, 2009; MACIEL & NETO, 2006; GOMES & PEREIRA, 1989), na forma de chás, garrafadas, xaropes, cheiros, banhos e defumações e, além disso, ensinam sobre as utilidades de cada planta (NERY *et al.*, 2006). Outras formas de cura como escalda-pés, suadouros, massagens e, algumas vezes, até mesmo combinação com remédios industrializados¹, já foram relatados como indicados por benzedores (LEMONS, 2008).

Rituais de rezas e simpatias de benzedores, seja no meio urbano ou rural, fazem parte da tradição do povo brasileiro (MACIEL & NETO, 2006). A benzeção, até os dias de hoje, permanece desvinculada de qualquer ideologia e revela a forma como a sociedade produz culturalmente estratégias e metodologias próprias para resolver questões relacionadas à saúde (SANTOS & GUARIM-NETO, 2005).

Africanos, índios e mestiços foram os principais curandeiros² do período colonial brasileiro e seus conhecimentos sobre as ervas e rituais, específicos a seu universo cultural, mesclou-se ao acervo europeu da medicina popular (SOUZA, 2005; POHLMANN 2007; AGUIAR 2009). Até os dias de hoje essas culturas se combinam, não sendo possível saber ao certo onde começa ou termina a influência de uma sob a outra (AGUIAR, 2009), o que poderia explicar o motivo de cada benzedor ter sua própria forma de benzer, pois a cada um foi dado um dom para curar conforme a fé aprendida com os antepassados e com sua forma de ver o mundo (NERY *et al.*, 2006, SANTOS & GUARIM-NETO, 2005).

Desde o período colonial as enfermidades eram vistas, por

¹ Segundo a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos os profissionais da saúde legalmente aptos a prescrever são médicos, médicos-veterinários e cirurgiões-dentistas e os enfermeiros, conforme estabelecido na Portaria MS nº 1.625 de 10 de julho de 2007. (informação disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/multimedia/paginacartilha/docs/prescri.pdf> data de acesso: 11.06.2012).

² Salienta-se que no presente trabalho não foi feita distinção entre os termos “Benzedores” e “Curandeiros”.

grande parte da população imigrante, como uma advertência divina, considerando um Deus que afligia os corpos com mazelas, na expectativa de que seus filhos se redimissem dos pecados cometidos, salvando assim suas almas (PRIORI, 2007). A partir da concepção de doença como fruto de uma ação sobrenatural para a purificação dos pecados, firmava-se a crença que os curandeiros podiam auxiliar a restaurar a harmonia rompida. Além disso, era comum considerarem que a doença que tinha uma origem sobrenatural só por meios ritualísticos poderia ser expulsa de um corpo enfermo (SOUZA, 2005).

O conhecimento médico referente à moléstias tropicais e seus antídotos podia ser considerado incipiente na época (ARAÚJO, 2011). Para Witter (2005) essa questão, unida à citada visão sobre a doença, colaborava para que muitas pessoas desconfiassem dos médicos e de suas práticas, o que nos permite pensar que não era apenas por falta desses e de medicamentos que a população continuava recorrendo aos conhecimentos terapêuticos populares das benzeduras.

Todavia, principalmente por seu caráter sobrenatural, as benzedoras eram por vezes vistas como “feiticeiras” ou “bruxas” (BURKE, 1998) e seus poderes, atributos e conhecimentos secretos faziam com que elas fossem vistas como estranhas dentro de sua própria comunidade (MALUF, 2003). Essa visão referente às benzedoras já haviam levado-as anteriormente a serem reprimidas pela Inquisição, o que incentivava a população a temer e abster-se de tais tradições (POHLMANN, 2007).

Em 1782 foi criado o órgão Promedicato, precursor da vigilância sanitária, que detinha o ofício do curandeirismo e regularizava o exercício da profissão médica. O órgão durou até 1832, médicos, cirurgiões, boticários e parteiras puderam exercer sua atividade e os curandeiros foram relegados à ilegalidade (WITTER, 2005). Desta maneira, os benzedores e curandeiros eram cada vez mais considerados por alguns como um “mal necessário”, solidificando-se no imaginário popular e sedimentando um conhecimento tradicional que alimentava o folclore e os “causos” disseminados por nossos antepassados (RIBEIRO, 2004).

No final do século XIX, período em que houve a Prática Higienista no Brasil, o Estado passou a fortalecer ainda mais a

responsabilidade dos médicos diplomados na manutenção da saúde da população e a imprensa semeava prestígio à medicina científica em detrimento de práticas populares como a benzedura (SANTOS, 2005). Alguns pesquisadores criticam intensamente a preocupação central do Movimento Higienista. Segundo Pagni (1997), esse tinha uma base individual, pois abandonava o princípio de ação sobre o coletivo e restringia a saúde às questões puramente físicas e biológicas. Para Guerra *et al.* (2009) houve então uma naturalização da restrição da atuação médica às intervenções físico-químicas para “consertar” o defeito de funcionamento do mecanismo enguiçado, legitimando a razão como o único instrumento para a compreensão da vida, desvalorizando percepções oriundas dos sentimentos, da intuição, da inspiração e de vivências espirituais.

Por outro lado, Smeke (2006) relata que nem sempre é cômodo e fácil abordar a espiritualidade na saúde pela grande amplitude do tema, pelo caráter subjetivo inerente ao imaginário popular e pela cobrança da sociedade aos profissionais devido à estreita relação de legitimidade entre a saúde e a ciência. Por exemplo, o trabalho de Cabral (1942) apresenta como os benzedores eram vistos por parte da população de Desterro³ no século XIX:

“(...)curandeiros, feiticeiros, benzedoras e todos aqueles envolvidos com alternativas populares de saúde eram alcunhados com o rótulo indiscriminado de “charlatões” e rejeitados como praticantes de “curandeirismo indígena” e “falsa medicina”. Em contraposição, a redenção para os males da ignorância e ingenuidade populares seria a “verdadeira medicina”, praticada na Academia, hegemônica, calcada no cientificismo racionalista ocidental, formadora das concepções da elite médica.”
(Cabral, 1942).

³ Originalmente Florianópolis era denominada "Ilha de Santa Catarina", ao tornar-se vila, passou a ser chamada Nossa Senhora do Desterro. (Informação disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Florian%C3%B3polis>, data de acesso: 11.06.2012).

A partir do exposto pode-se dizer que houve uma mitificação, tanto dos benzedores como da ciência: da ciência, pois se transmitiu a ideia de que sua forma de ver e lidar com a saúde fosse a mais correta e como se a formação e o diploma médico garantissem a honestidade e profissionalismo de quem o possui; e, dos benzedores, pois esses também eram vistos como um grupo único, nesse caso, de charlatães, e, sua forma de atuação era menosprezada de forma geral, contribuindo para que a prática das benzeduras decaísse ao longo dos anos.

Com as transformações ocorridas na área médica e com o desenvolvimento nos avanços da tecnologia e das especializações, principalmente a partir da segunda metade do século XX, a grande questão enfrentada pela população dos núcleos periféricos baseou-se na falta de atendimento médico em hospitais e em postos de saúde conveniados pelo sistema público de saúde (MENEGOTTO & CARNEIRO, 2007). Machado (2002) expõe que a benzedura e o curandeirismo ainda são práticas em plena vigência no século XXI, mesmo que re-significadas pelas mudanças culturais ocorridas ao longo dos anos.

Apesar dos movimentos histórico-culturais que incentivaram o desprestígio dos benzedores, Pierucci (2001) relata que a benzedura é ainda vista por parte da população como legítima e de forma estimada. Moraes (2001), em seu trabalho sobre a medicina popular em Santa Catarina, explicitou que apesar da grande repressão iniciada a partir da Inquisição foi impossível retirar as raízes das múltiplas crenças já profundamente arraigadas no imaginário de cidades como Desterro. Desta maneira, podemos identificar a benzedura em diversos elementos folclóricos da cultura popular de Santa Catarina, mostrando sua presença na sociedade, seus serviços prestados em prol da saúde e da proteção da comunidade e sua forma de ser vista aos olhos dessa.

Narrativas do folclorista e artista Franklin Cascaes apontam as benzedoras como responsáveis por manter o bem-estar e a ordem da população, que através de seus conhecimentos e poderes lutavam contra as bruxas causadoras de mau olhado e outros embruxamentos:

“(...)Enquanto a sinhá Chica benzedeira retirava de dentro de sua cesta de folha de taboa os aparelhos cirúrgicos espirituais, lançou essa ameaça contra a bruxa que se achava ali, propositadamente, com a ideia macabra de sugar, mais uma vez, o sangue da inocente criancinha, já às portas da morte. As pessoas presentes apenas escutavam as palavras de desafio da benzedeira dirigidas à megera bruxa. Sinhá Chica possuía sim o privilégio congênito de ver a bruxa (...) tomou um dente de alho com casca, que colocou na boca, um rosário de bagas pretas, que pendurou no pescoço, e, com ramos de arruda, junto com uma cruz de prata, deu início à operação espiritual contra os ataques bruxólicos...”

(CASCAES, 2003, pg. 86)

Outro movimento folclórico-cultural chamado “boi-de-mamão”⁴, registrado desde 1871 em Santa Catarina, possui em sua história e canção a existência de um personagem que mescla elementos da medicina científica com a medicina popular, uma espécie de médico benzedor chamado por “Doutor”, que utiliza ervas para curar em troca de uma pequena contribuição (MORAES, 2001).

*“Meu boi tá doente / Chame seu doutor /
Pra benzer o boi, oh! Maninho /
Que ele tá com dor.
Este boi tá doente / Um purgante vai tomar /
Depois vou benzer ele / Que é pra ele miorá
Eu benzo esse boi / Com raminho de arueira /
Pra tirá a diarréia / E também a bicheira.
Eu benzo meu boi / Com galinho de alecrim /
Senhor dono da casa / Peça um dinheirinho
pra mim.”* ⁵

⁴ O Boi-de-Mamão é uma brincadeira folclórica que envolve dança e cantoria em torno do tema épico da morte e ressurreição do boi. Esta brincadeira é encontrada em várias partes do país, recebendo diferentes nomes. No nordeste é conhecido como "Bumba Meu Boi" ou "Boi Bumbá". Informação disponível em: <http://www.vivonumailha.com/page2/page7/page7.html> (Data de acesso: 11.06.2012).

⁵ Canção disponível no site:

http://www.manezinhodailha.com.br/subweb_portalboidemamao.htm (Data de acesso 12.02.2011).

Foram encontrados estudos relativamente recentes que apontam a influência das benzedadeiras na manutenção da saúde da população local e no uso de plantas com fins medicinais em diversas comunidades brasileiras. Um estudo em Rio das Contas-BA, Brasil, verificou que mesmo com uma tendência decrescente, a prática da benzedura ainda ocupa o seu espaço de referência na comunidade, além dos benzedores contribuírem no uso e na manutenção do conhecimento sobre plantas medicinais (AGUIAR, 2009). Em Juruena-MT, Brasil, registrou-se que as avós, tias, xamãs, benzedadeiras e rezadores são os grandes responsáveis pela manutenção do uso das plantas medicinais (MACIEL & NETO, 2006). Em Camaçari-BA, Brasil explicitou-se que os entrevistados que apresentavam maior experiência no uso de plantas medicinais na comunidade eram curadores, parteiros e benzedadeiras (SOUZA *et al.*, 2007).

Diferentes autores salientam que a opção que a medicina moderna traz às comunidades pode não representar algo que elimina a medicina tradicional, mas que é utilizado em conjunto com essa (AMOROZO, 2004; ALEXIADES, 1996; CÂNDIDO, 1987; ELISABETSKY & SETZER, 1985). Assim, pesquisas etnobotânicas poderiam auxiliar na conservação da diversidade biológica e cultural, através da compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano, e contribuindo para o resgate e valorização do conhecimento tradicional local (GIRALDI, 2009).

Zank (2011) entrevistou algumas benzedadeiras em seu estudo relacionado ao conhecimento etnobotânico de plantas medicinais da comunidade de Imbituba - SC. Segundo comunicação pessoal com a pesquisadora, as benzedadeiras da região são pessoas idosas, cujo conhecimento referente a plantas medicinais é notável e que muitas vezes não têm parentes ou pessoas próximas disponíveis à conhecer tais informações. Araújo (2011) destaca ser de fundamental importância a realização de estudos sobre as práticas de benzedura e a sua relação com o processo terapêutico, pois, segundo o autor, estudos evidenciam melhoras do quadro clínico de parte dos pacientes atendidos pelos benzedores.

Assim, o presente trabalho justifica-se por investigar o conhecimento etnobotânico de plantas usadas para cura por benzedores, estudando a relação de sua prática de cura com o uso das plantas,

possibilitando não só a perpetuação do conhecimento referente ao uso de plantas com esse fim, mas também do modo como suas crenças e valores influenciam nesse conhecimento e formas de uso, tanto para os que praticam tais métodos de cura, como para os que recorrem a esses.

OBJETIVOS

Geral

O objetivo geral da presente pesquisa foi investigar o conhecimento etnobotânico a respeito de plantas utilizadas para cura por benzedores nos municípios de Imbituba e Garopaba– SC, Brasil.

Específicos

Os objetivos específicos foram:

- Conhecer a diversidade de plantas consideradas medicinais para pessoas que benzem e seus atendidos.
- Analisar possíveis influências histórico-culturais e ambientais na riqueza e na utilização de espécies vegetais encontradas e utilizadas na região.
- Compreender qual a importância desses conhecimentos no dia-a-dia de quem pratica e recebe tal medicina.

Cabe ressaltar que este trabalho buscou conhecer melhor o universo terapêutico associado ao uso de plantas na região de estudo, não tendo como objetivo conhecer quais plantas medicinais podem ter princípios ativos comprovados, cujas características denotem sua possível utilização econômica.

METODOLOGIA

Área de estudo

O presente trabalho abrangeu entrevistas nos municípios de Imbituba e Garopaba, ambos localizados no sul do estado de Santa Catarina, Brasil (Figura 1). Esses municípios foram selecionados, pois, através do estudo de Zank (2011), notou-se a influência dos benzedores na manutenção da saúde da população e no conhecimento e uso de plantas usadas com fins medicinais.

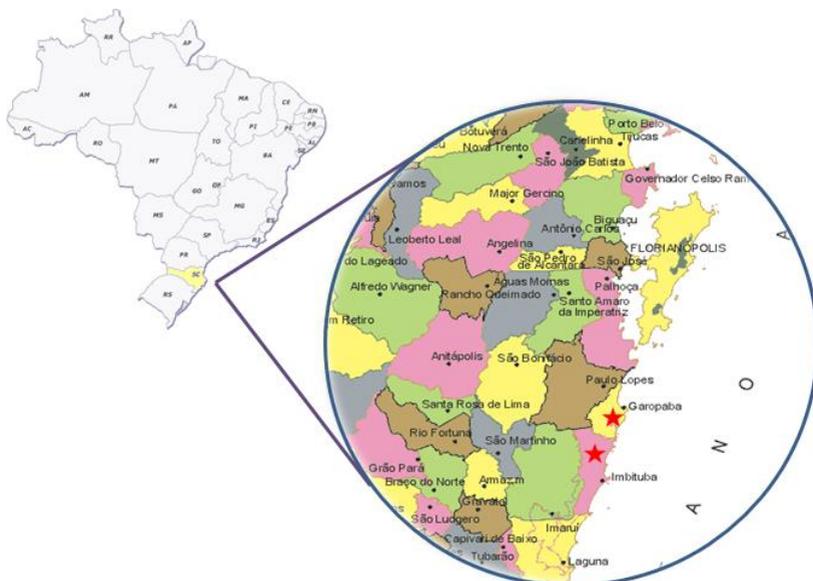


Figura 1. Localização dos municípios de estudo, destacados por uma estrela. (Fonte: modificado de <http://www.sismatec.com.br/representantes.php> e <http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2009/12/mapa-politico-santa-catarina.gif>) data de acesso: 08.12.2011.

Imbituba

O município de Imbituba ($28^{\circ}14'24$ S, $48^{\circ}40'13$ W) está localizado a aproximadamente 86 quilômetros da capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis. Sua área abrange em torno de 186 Km² e sua população atual é de aproximadamente 39.217 habitantes (Secretaria Municipal de Agricultura e Pesca do Município de Imbituba, 2010).

A ocupação da região é antiga, formando-se em 1715 como núcleos de colonização açoriana⁶ e bandeirante. As principais atividades da região eram a agricultura e a pesca, tanto para subsistência como para comercialização. No perímetro urbano, as atividades portuárias e da indústria cerâmica tinham maior destaque (FABIANO, 2007). Segundo

⁶ Os açorianos são descendentes dos imigrantes das Ilhas dos Açores e da Madeira, bem como portugueses continentais. Estabeleceram-se no litoral catarinense em meados de janeiro de 1748 e sua cultura apresenta traços próprios, como, por exemplo, a economia baseada na pequena propriedade rural (ZANK, 2011).

o autor o aumento nas atividades turísticas de massa a partir da década de 1970, com a implantação da BR-101 e a intensa especulação imobiliária, contribuem na forte pressão à descaracterização da população tradicional.

Segundo o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável de Imbituba (PDDSI), revisado em 2009, não há nenhuma área considerada rural, apenas algumas unidades territoriais consideradas “rururbanas”, mesmo que alguns bairros realizem o desenvolvimento de culturas agrícolas, como o plantio de banana, laranja, arroz em casca, cana-de-açúcar, feijão, mandioca e milho (PMI, 2009)⁷.

Garopaba

O município de Garopaba (27°58'15"S, 48°39'36"W) está localizado a aproximadamente 79 quilômetros de Florianópolis, estendendo-se de Gamboa à Ponta do Ouvidor, totalizando em torno de 115 Km². Sua população atual é de aproximadamente 16.710 habitantes (BRUSIUS, 2010).

Garopaba também possui colonização açoriana, sendo a pesca a principal fonte de renda do município antigamente. Relata-se que há aproximadamente 32 anos atrás o município era uma simples vila de pescadores, possuindo pouca ou quase nenhuma infra-estrutura. Em decorrência do crescente fluxo turístico o Município de Garopaba vem demonstrando grande crescimento, assim, o turismo é atualmente a fonte de renda de grande parcela dos habitantes da região (BRUSIUS, 2010).

As coberturas vegetais de Imbituba e Garopaba apresentam espécies pertencentes à Floresta Ombrófila Densa e outras formações associadas ao Domínio Mata Atlântica, tais como a vegetação de restinga. Entretanto, as formações vegetais originais, devido à atividade agropecuária, foram intensamente devastadas desde o século XVII. As formações pioneiras predominantes herbáceas e arbustivas são dominantes na restinga, presente em estendida por todo o litoral catarinense (CINTRÓN & SCHAEFFER-NOVELLI, 1983).

⁷ Prefeitura Municipal de Imbituba. (Disponível em: <http://www.imbituba.sc.gov.br/a-cidade/aspectos-ambientais>, data de acesso: 10.05.2012).

Coleta de dados

Anteriormente ao início do presente trabalho acompanhei as entrevistas realizadas por Zank (2011) no município de Imbituba, visando criar uma maior aproximação com as pessoas da comunidade, inclusive algumas benzedeadas por ela entrevistada, e visando a familiarização e reconhecimento da área de estudo.

O projeto da presente pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo aprovado através do N° 980 FR: 363846 (Anexo 01). Para todos os participantes da pesquisa os objetivos foram explicitados e foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 02).

Realizei duas entrevistas piloto com benzedeadas residentes do município de Florianópolis- SC, nos bairros Lagoa da Conceição e Campeche, visando potencializar a qualidade, clareza e a confiabilidade dos métodos descritos a seguir (ALBUQUERQUE et al., 2008b).

Fiz 5 saídas de campo, de 2 à 8 dias, durante o período de 03/10/10 à 21/02/2011, para a coleta de dados através de entrevistas com perguntas abertas e fechadas, turnês-guiadas, observação direta e coleta de material botânico. A coleta de dados ocorreu todos os dias da semana, preferencialmente no horário comercial, exceto no caso de entrevistas com horário marcado.

As benzedeadas entrevistadas no trabalho de Zank (2011) foram as primeiras entrevistadas utilizando a amostragem por “bola de neve”. A técnica de amostragem “bola de neve” descrita por Bailey (1994) é utilizada para realizar uma seleção intencional dos informantes. O método consiste em entrar em contato com a comunidade local e detectar o primeiro especialista, esse então passa a indicar outros especialistas e isso segue sucessivamente até englobar todos os especialistas da comunidade (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008b). Durante o presente trabalho as pessoas que se diziam benzer eram entrevistadas, sem que essa tarefa se restringisse a nenhuma religião, sexo, crença ou profissão⁸.

⁸ Saliencia-se que um entrevistado não se identifica “benzedor”, pois conhece

Para cada benzedor entrevistado solicitei a esse que indicasse 3 pessoas atendidas que poderiam ser entrevistadas e, tanto os benzedores contatados, como os atendidos entrevistados, eram perguntados sobre a existência de outros benzedores que atendessem na região do estudo. Além disso, ocorreu o encontro dos entrevistados através da “amostragem acidental”, descrita por Albuquerque (2008b), devido a outras pessoas das comunidades indicarem benzedores ou atendidos a serem entrevistados enquanto procurava-se a moradia de algumas pessoas. Assim, o universo de entrevistados da presente pesquisa englobou dois grupos: 1) Benzedores: tanto os benzedores já entrevistados por Zank (2011) como os contatados durante o presente estudo; e 2) Atendidos: pessoas residentes na área de estudo indicadas pelos benzedores já entrevistados como conhecedores de plantas medicinais.

Para a obtenção dos dados utilizei um questionário estruturado sócio-econômico (Anexo 03), um questionário estruturado relacionado às práticas das benzeduras, específico para cada grupo citado acima (Anexo 04) e um questionário semi-estruturado etnobotânico (Anexo 05), através do qual os entrevistados citavam nomes populares de plantas usadas como medicinais, sendo então direcionados à perguntas visando obter informações mais específicas referentes às plantas (ALEXIADES, 1996) (Figura 2).

Para que os benzedores contatados por Zank (2011) não tivessem que repetir o mesmo procedimento em um espaço de tempo relativamente curto, esses benzedores responderam apenas questões mais específicas a esse trabalho, presente no Anexo 4, já que os questionários presentes no Anexo 3 e 5 foram exatamente os mesmos que os usados pela pesquisadora citada.

apenas algumas rezas e realiza a arte de benzer apenas entre seus familiares e conhecidos, porém, por atender também à alguns vizinhos foi mantido na pesquisa, e, a fim de facilitar a análise dos dados não houve separação entre os resultados obtidos através desse e do grupo que se diz “benzedor”.



Figura 2. Durante a presente pesquisa foram aplicados questionários estruturados e semi-estruturados aos grupos de entrevistados (foto: Cássio Batista Marcon).

Sempre que possível as plantas citadas nas entrevistas foram amostradas através do método *turnê-guiada*, para posterior identificação, método, que segundo Albuquerque *et al.*, 2008, também auxilia a complementar informações já obtidas. O método *turnê-guiada* consiste em coletar as plantas apontadas pelos informantes em seus quintais ou matas da região e posteriormente herborizá-las conforme metodologia convencional aplicada em taxonomia vegetal. O processamento e depósito das plantas coletadas se deu no Herbário FLOR e no Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (Departamento de Ecologia e Zoologia), ambos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Foram anotados também aspectos histórico-culturais das comunidades e “contos e causos” relatados pelos entrevistados, também nos momentos informais, a fim de registrar aspectos únicos da cultura dos mesmos. Outros acontecimentos, observações e percepções também foram registradas em um diário de campo, como sugerido por Albuquerque *et al.* (2008), visando analisar de forma mais clara não apenas dados quantitativos, mas também aspectos qualitativos de fenômenos observados em campo.

Devido à forma como alguns benzedores e seus atendidos falavam sobre as benzeduras e de suas questões pessoais, algumas vezes cochichando para que outras pessoas presentes na casa não escutassem,

outras pedindo para que eu não escrevesse ou que não contasse a ninguém, optei por não gravar as entrevistas. Entretanto, tive o cuidado para efetuar registros escritos com fidelidade de suas falas, incluindo frases utilizadas para benzer, quando autorizada por esses.

Análise dos dados

A organização dos dados foi feita em uma planilha de dados através do programa Excel, programa também utilizado para analisar as entrevistas e listagens-livre através de estatística descritiva.

A fim de facilitar a organização dos dados quanto às finalidades medicinais das plantas, essas foram organizadas baseadas na classificação feita pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2007), disponíveis no Anexo 06, incluindo as categorias “outros” para enfermidades que não se enquadravam em nenhuma categoria, “tudo” para plantas utilizadas para qualquer enfermidade e “usos ritualísticos” para plantas usadas para benzer, para banhos de limpeza e proteção, “mau-olhado”, entre outros. Ressalta-se que a presente classificação deu-se através dos sintomas das enfermidades, tal como relatado pelos entrevistados, podendo não corresponder exatamente à classificação adotada na medicina tradicional.

As plantas coletadas foram identificadas através de comparação com exsicatas da coleção de referência do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica da Universidade Federal de Santa Catarina, sendo conferidas pelo mestre Anderson Mello (colaborador da Universidade Federal de Santa Catarina), pelo professor adjunto do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Santa Catarina Daniel de Barcellos Falkenberg e pelo servidor do Serviço de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, Cesar Paulo Simionato.

As plantas que não foram identificadas, mas cujo nome popular são encontrados em Zank (2011) ou em outros trabalhos publicados (LORENZI & MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; VERGER 1995) tiveram o nome científico sugerido a partir desses trabalhos. Quando não identificadas a partir de ZANK (2011) foram citadas como identificadas por “Outros Autores”. Os nomes científicos das plantas e suas respectivas famílias botânicas foram confirmadas na base de dados

TROPICOS, do Missouri Botanical Garden⁹, sendo posteriormente classificadas como nativas ou exóticas à flora catarinense, com base no trabalho de Reis *et al.* (2011).

A curva de acumulação de espécies utilizada para verificar a riqueza de plantas em função do esforço amostral para ambos os grupos, através do software EcoSim 2004 (GOTELLI & ENTSMINGER, 2009), permitiu também verificar se houve diferença significativa entre a diversidade de plantas citadas como medicinais, tanto pelo benzedores como aos que recorrem à esses.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quem são os benzedores e seus atendidos?

A partir da metodologia bola de neve foram encontrados no total 21 pessoas que se dizem benzer na região do estudo (16 mulheres e 5 homens). Desses, 16 apresentaram disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, 3 não o tiveram e 2 não puderam participar da pesquisa devido à problemas de saúde ou falecimento¹⁰. Dentre os benzedores entrevistados 12 residem em Imbituba (nos bairros Roça Grande, Divinéia, Campo D'una, Vila Nova e Nova Brasília) e 4 em Garopaba (no bairro Centro e na praia do Rosa). O número de benzedores entrevistados em Imbituba foi superior a alguns trabalhos realizados no Brasil com a mesma metodologia citada (MACIEL & NETO, 2006; SANTOS & GUARIM-NETO, 2005), podendo dar certo parâmetro na atualidade do quão presente é a tradição da benzedura no município em relação a outros lugares do Brasil.

Como mencionado anteriormente, num momento inicial buscou-se como componentes do grupo 2 atendidos indicados pelas benzedoras como pessoas que possuem conhecimento relacionado à

⁹ O site “Trópicos” foi criado inicialmente para consulta interna mas têm sido usada pela comunidade científica de todo o mundo e está disponível em <http://www.tropicos.org/> (Data de acesso: 10.05.2012).

¹⁰ No caso de uma das benzedoras foi feita uma visita para realizar as entrevistas do estudo, porém como essa estava muito doente e quis me conhecer a visita foi sobre assuntos pessoais. Após alguns dias a mesma faleceu, sendo meu contato com a mesma uma experiência muito especial e de grande aprendizagem, apesar de seus dados não estarem presentes nesse estudo.

plantas medicinais e que já foram atendidas por elas. Para cada benzedor seria pedido a indicação de 3 pessoas dentro desses quesitos. Contudo, essa metodologia não se mostrou completamente efetiva, devido a alguns benzedores não quererem ou não saberem indicar pessoas dentro dos quesitos solicitados, sendo sugerido por diversos benzedores que os atendidos fossem encontrados aleatoriamente no bairro que elas atendiam. Assim, o grupo 2 foi subdividido em A) Atendidos indicados: Pessoas citadas pelos benzedores como pessoas que já foram atendidas por eles (independentemente de terem ou não um conhecimento maior referente à plantas usadas como medicinais); e B) Atendidos aleatórios: pessoas que moram próximo aos benzedores entrevistados e já foram atendidas por esses.

Apesar disso, não foi possível gerar a padronização esperada de 3 entrevistas com atendidos para cada benzedor, por alguns benzedores exporem não querer que seus atendidos participassem da pesquisa, ou, ainda, por não terem sido encontradas 3 pessoas no bairro que já tivessem sido atendidas por determinado benzedor. Devido a isso, foram entrevistadas 37 pessoas atendidas pelos benzedores da região de estudo (29 em Imbituba e 8 em Garopaba), sendo 8 deles indicados e 29 encontrados aleatoriamente no bairro. Os dados referentes à caracterização dos grupos benzedores, indicados e atendidos encontram-se na Tabela 01.

Foram entrevistados 12 mulheres e 4 homens benzedores, sendo a atuação feminina na prática de benzer maior que a masculina também em outros locais, como em Rio das Contas-BA (AGUIAR, 2009), Alta Floresta-MT (SANTOS & GUARIM-NETO, 2005) e Araraquara-SP (CARVALHO *et al.*, 1982). Dentre os atendidos pelos benzedores 25 são mulheres e 12 são homens, havendo a mesma proporção de sexo entre os indicados, e, no caso dos aleatórios houve uma predominância de mulheres (68%). Poderia ser feita uma relação quanto ao sexo que mais procura os benzedores, porém, como esse trabalho foi realizado também em dias de semana e em grande parte das vezes no horário comercial, o fato de ser possível haver mais mulheres em casa no momento em que a pesquisa foi feita pode ter contribuído nas porcentagens encontradas, permitindo que tal relação seja suposta, mas não confirmada.

A faixa etária dos benzedores variou entre 56 a 88 anos, resultando numa média de 69 anos, fato que corrobora com a sugestão

de Zank (2011) de que os benzedores da região são pessoas idosas. Lima *et al.* (1996) expõem que na estratégia de saber tradicional dois fatores são preocupantes: a idade avançada de seus detentores e a "globalização" dos costumes, que estimulam os mais jovens a desprezar o etnoconhecimento, atraídos pelos valores urbanos. Diante do exposto ocorre uma preocupação referente a quanto tempo a prática da benzedura estará presente na comunidade, correndo o risco de se tornar cada vez mais rara e até mesmo desaparecer ao longo dos anos. Outros estudos apontam a idade dos benzedores superior a 50 anos (ARAÚJO, 2011; MACIEL & NETO, 2006; CARVALHO *et al.* 1982) sugerindo que essa é uma questão enfrentada em diversas regiões do país.

Quanto à estrutura familiar dos benzedores, a maioria vive com o cônjuge (75%) e possui mais de 3 filhos (62%), grande parte desses já de maior idade. O número de residentes variou entre 2 e 3 em 81% dos casos e, quando questionados sobre a fonte de renda, a aposentadoria foi a mais citada (75%), sendo conciliadas as atividades domésticas com a prática da benzedura. Apenas um (6%) entrevistado citou a arte de benzer como sua principal fonte de renda. Quando à idade dos entrevistados atendidos por benzedores 81% desses possuem acima de 40 anos, a maioria (54%) vive com o cônjuge, além de terem dois ou mais filhos (78%) e viverem com mais de três pessoas em suas residências (38%).

Como no caso das benzedoras a aposentadoria se mostrou a maior fonte de renda para ambos grupos de atendidos (indicados e aleatórios), sendo a pensão, a pesca, a costura, o trabalho de cozinheira, político, motorista, faxineira e o aluguel de imóveis as outras formas de renda citadas. Como apontado em Araújo *et al.* (2010), a classe social dos atendidos é variável, aparecendo tanto pessoas de camadas de baixa renda como de classes chamadas pelo autor de "letradas", sendo essa prática, em sua visão, mais atrelada a uma expressão da fé nessa forma terapêutica do que à situação financeira.

A religião mais frequente entre os benzedores foi a Católica (69%), seguida da Umbanda (19%) e do Espiritismo Kardecista (6%); 6% dos entrevistados citaram que "*sua religião é Deus*" (II, ♀ 80 anos), sendo independente de qualquer grupo religioso. Dentre os entrevistados indicados 100% são católicos e dentre os aleatórios 79% são católicos, 10% são kardecistas, 7% são evangélicos e 3% são umbandistas.

Quanto à forma de terapia utilizada para o cuidado da saúde, dentre os benzedores 94% disseram que vão ao médico, 20% relataram que antigamente também iam a outros benzedores que não eram seus parentes, mas, atualmente procuram apenas médicos, 30% dos benzedores recorrem a benzedores não parentes e 50% nunca foi atendido por esses (*“Não vou porque não gosto que botem a mão na minha cabeça.”* I29, ♀ 62 anos; *“Nunca vou nos outros daqui, pras coisas do mal vou na igreja ... eu era benzida pela minha avó.”* I30, ♀ 64 anos). Mais de 91% dos atendidos vão ao médico e 95% procuram benzedores hoje em dia (e 5% que os procurava apenas no passado), podendo-se mais uma vez verificar como sugerido por Machado (2002) que a prática da benzedura está em vigência, apesar de ter sido relatado, tanto por benzedores, quanto por atendidos, certa decadência quando se pensa na comunidade como um todo (*“Mãe já levava nós, todo mundo ia, agora que já não tem mais.”* I48 ♂ 70 anos).

O uso de remédios no último mês foi citado por 100% dos benzedores. Desse grupo 97% dos entrevistados utiliza algum remédio industrializado para sintomas da categoria “Transtornos do sistema circulatório” e 63% dos entrevistados os usa para “Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas”, sendo essas as principais categorias de doenças as quais recorrem aos remédios industriais. Cerca de 88% dos benzedores utilizou algum chá com finalidade medicinal, 50% para sintomas classificados como “Transtornos do sistema digestório” e 43% para “Desordens mentais e comportamentais”.

No caso dos atendidos o uso de remédios no último mês foi citado por 78% dos entrevistados, sendo exatamente a mesma porcentagem desses que utilizou plantas no último mês com fins medicinais. O uso de remédios foi principalmente (54 % dos casos) para tratar sintomas categorizados nesse trabalho como de “Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas” e 49% para “Transtornos do Sistema Circulatório”. Já o uso de plantas foi 35 % para sintomas relacionados à “Transtornos do sistema digestório” e 22 % para “Desordens Mentais e Comportamentais”. Assim, percebemos que as categorias de maiores usos de medicamentos e plantas utilizadas com fins medicinais no último mês, tanto para atendidos como para benzedores, são as mesmas, o que pode indicar certa complementaridade nos tratamentos ou preferência por tratamento conforme a doença.

Os resultados de ambos os grupos (benzedores e atendidos) indicam que o uso de medicamentos caseiros feitos a partir de plantas pelos atendidos por benzedores é uma prática frequente, e, como sugerido por Amorozo (2004), não exclui o uso de medicamentos industrializados e vice-versa, havendo, contudo, diversas citações que indicaram preferência de plantas para o tratamento de aflições e enfermidades, o que não ocorreu com referência aos remédios industrializados.

Tabela 2. Dados sócio-econômicos de 16 entrevistas realizadas com benzedoras nos Municípios de Imbituba/SC e Garopaba/SC.

Dados sócio-econômicos		Benzedores (n=16)	Indicados (n=8)	Aleatórios (n=29)
Sexo	Feminino	12	04	21
	Masculino	04	04	08
Idade	20 a 30 anos	-	01	01
	31 a 40 anos	-	06	06
	41 a 50 anos	-	06	07
	51 a 60 anos	03	08	09
	61 a 70 anos	06	03	07
	Mais de 70 anos	07	05	07
Origem	Nativo	05	05	03
	Vive no local há mais de 30 anos	07	03	15
	Vive no local há menos de 30 anos	04	-	11
Estado Civil	Casado/Juntado	12	06	14
	Separado	01	01	05
	Viúvo	03	01	06
	Solteiro	-	-	04
Número de Filhos	Zero	-	-	03
	Um	02	-	05
	Dois	04	01	09
	Três	-	01	03
	Mais de Três	10	06	09
Número de Residentes	Um	-	02	04
	Dois	07	02	07
	Três	06	01	07
	Mais de Três	03	03	11
Principal Fonte de Renda	Aposentadoria	12	07	17

	Pensão	01	-	07
	Costura	02	-	01
	Benzer	01	-	-
	Outros	-	01	04
Religião	Católica	11	08	23
	Espírita Kardecista	01	-	03
	Espírita Umbanda	03	-	01
	Deus	01	-	-
	Evangélica	-	-	02
Procura médico?	Sim	15	08	26
	Não	01	-	03
Procura benzedor?	Sim	05	07	28
	Não	08	-	-
	No passado	03	01	01
Tomou remédio industrializado no último mês?	Sim	16	23	05
	Transtornos do Sistema Circulatório	15	03	15
	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	10	04	16
Usou planta para cura no último mês?	Sim	14	06	22
	Transtornos do sistema digestório	07	03	15
	Desordens Mentais e Comportamentais	06	03	17

Benzeduras como práticas curativas

Como também foi relatado por Santos & Guarim-Neto (2005) alguns benzedores do presente estudo disseram ter apenas algumas aflições às quais sabem benzer, por exemplo, “mau-olhado”, “zipra”, “quebrante”, “cobrero”, “recaída de mulher”, “reina de criança”, “arca-caída”, “tortura no pé”, “deslocamento de ombro” e outras, citando que algumas doenças são curadas principalmente, ou exclusivamente, com o auxílio das benzeduras : “*eu benzo de zipra, cobrero, mau-olhado, afogado, pra essas coisas não dou chá porque não precisa.*” (I34, ♂ 73 anos). Outros benzedores disseram poder ajudar em qualquer caso que os atendidos necessitassem.

Uma benzedeira justificou o fato de se benzer com outras pessoas: “*Pois eu me benzer dizem que não é a mesma coisa*” (15, ♀ 65 anos) o que a levava a realizar uma “troca bençôes” com outra benzedeira, fato também apontado no trabalho de Dias (2009).

Além das plantas alguns benzedores usam outros utensílios para benzer, como facas (utilizada para cortar uma laranja ou uma banana enquanto as rezas são pronunciadas), fitas, crucifixo, imposição de mãos, linha e agulha (“*vai rezando e vai costurando*” 118, ♀ 54 anos), copo de água, brasa de fogão à lenha, entre outros. Uma das atendidas citou preferência do uso de plantas para a benzedura “*gosto da benzedura antiga, que benze com raminho*” 150, ♀ 47 anos. Surgiram também diversos relatos de que os atendimentos acontecem em dias da semana e horários específicos, sendo acompanhado, contudo, dois benzedores que prontamente abriam exceções a pessoas que apareceram fora de dia ou horário de “atendimento”, sendo o mesmo fato observado por Araújo *et al.* (2010).

Para 76% dos atendidos a ida aos benzedores é um ato praticado desde criança (“*A mãe levava, ia todo mundo da família...*” 154, ♀ 66 anos), para 11% começou a ocorrer a partir da adolescência e 16% começou a frequentá-los depois de adultos (Tabela 2), havendo citações de que a família não gostava dessa forma de cura, não acreditava nos benzedores ou que era evangélica e que essa religião não aceita esse tipo de coisa, e, após sair de casa ou se casar, passou a ir. Percebe-se como frequentar o benzedor pode ser considerado, para muitas pessoas, uma tradição de família e, como mesmo depois de adulto, ainda há pessoas que não tinham esse costume e passam a procurá-los, podendo esse fato estar relacionado a uma mudança na concepção de doença e cura ao longo da vida.

Grande parte das pessoas entrevistadas (84%) procura os recursos dos benzedores apenas quando necessitam, algumas citando que há enfermidade que têm de retornar de 3 a 9 vezes para completarem um tratamento, havendo também pessoas que disseram procurá-los sempre que possível.

Todos os benzedores possuem residência fixa nos Municípios de estudo; 94% dos benzedores atendem onde residem ou em alguma área de seu terreno (Figura 3), havendo apenas uma benzedeira que

benze em outro bairro, em um local utilizado apenas com essa finalidade, refletindo a importância de suas moradias para a prática da benzedura.



Figura 3. Na imagem abaixo vemos alguns espaços reservados por diferentes benzedores entrevistados para realizar a prática da benzedura (foto: Julia Avila).

Segundo os benzedores as pessoas que os procuram para serem atendidos residem principalmente no bairro onde eles moram, havendo relatos de virem pessoas de outros bairros e municípios catarinenses para serem atendidos (como Florianópolis, Balneário Camburiú, Criciúma, Blumenau, entre outros), de outras regiões país (Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro), bem como de outros países (Estados Unidos, Argentina e Portugal), resultado que pode estar atrelado ao intenso turismo na região durante o verão.

Quanto à forma de auxílio que oferecem a seus atendidos alguns benzedores também relataram instruí-los a ir ao médico, fazer determinados exames e/ou a utilizarem remédios industrializados: “Se precisar, ensino a usar planta, remédio, chá, ou mando ir no médico

fazer exame.” (I24♀ 80 anos). Uma das benzedoras citou diversas vezes durante a entrevista que toma o Tylenol® ou o Anador® junto com uma das plantas que conhece para mesma finalidade dos remédios industrializados, utilizando o chá para ingerir o comprimido. Essa ação é considerada perigosa, pois os efeitos de ambos poderiam se somar, produzindo um efeito exagerado ou desconhecido, e deve ser evitada (TORRES *et al.*, 2005).

Alguns benzedores disseram ter uma “visão” sobre a vida de seus atendidos, auxiliando-os dependendo do que prevê: “*Benzo com a mão... Oração bonita vem não sei de onde... Antes de levar o filho no médico já sei o que é, só não sei o que fazer... Tenho visão, sei quando alguém da família vai morrer.*” (I23, ♀ 57 anos). Um dos atendidos disse jogar cartas com os benzedores ou conversar para obter previsões sobre sua vida, seus problemas e doenças, citando ou criticando o fato de os benzedores possuíam um dom de prever o que aconteceria ou o que ia dar certo. Houve, inclusive, indicações provindas de benzedores, seus atendidos e da população local de cartomantes e videntes quando perguntados sobre os benzedores na região. Essa mistura de atividades também foi apontada por Araújo (2011).

Dois benzedores relataram benzer também a comida de animais, uma delas, durante a entrevista, recebeu uma quantidade de capim de um vizinho e então me pediu licença para realizar uma reza em voz alta com uma das mãos segurando o capim e a outra sob ele contando-me depois que o boi daquele senhor estava doente e ele ia dar aquelas folhas benzidas para o gado comer. Alguns benzedores também relataram benzer peças de roupas, sendo que, segundo eles, na maioria das vezes se tratam de mães que levam tanto as roupas dos filhos como do marido, devido a esses não poderem ir pessoalmente realizar o atendimento, terem vergonha, ou pelo fato de não gostarem de frequentar benzedores e nem saberem que isso ocorre.

Apenas um dos benzedores e seus parentes relataram informalmente que um benzedor não pode atender a seus parentes, pois o atendimento não funciona, dizendo que no caso de problemas esses recorrem a outros benzedores da comunidade, havendo, por outro lado, uma benzedeira que relatou benzer na maior parte das vezes, ou quase exclusivamente, parentes.

Para 87% dos benzedores seu atendimento não custa nada, sendo aceita uma doação voluntária e não obrigatória de alimentos, roupas, algo que estão precisando ou, como eles dizem, “um trocado” (“*Não tem preço a palavra de Deus. O retorno é as pessoas terem fé e voltar. Ganho presentes, mas o meu retorno é esse. Meu marido deixou de beber, pela caridade que faço.*” I23, ♀ 57 anos). Para 12% dos benzedores a consulta é cobrada, sendo esses os benzedores de religião Umbanda. Porém, não pode ser feita uma relação desse fato à religião, já que há um dos benzedores umbandistas que não cobra. 95% dos atendidos também disseram que os benzedores não cobram, que davam algo que sabiam que o benzedor estava precisando ou um trocado e se não dessem nada o atendimento era igual. Alguns justificaram esse fato dizendo, que os benzedores não poderiam cobrar senão poderiam perder o dom, citando inclusive textos bíblicos: “*Daí de graça o que de graça recebeste*” (I14, ♀ 50 anos). Acerca disso, Maciel & Neto (2006) e Araújo (2011) expõem citações ditas por benzedores bastante similares. Alguns atendidos inclusive salientam a importância de dar algo em troca do benzimento.

Houve relatos também de benzedores que em algum momento de sua vida deixaram de benzer, pois gostariam de trabalhar fora, aumentando a renda, ou, tinham interesse em realizar outras atividades, o que, no entanto, os levou a ter diversas doenças, que ao voltar a benzer eram curadas. Esses consideram que devem realizar a arte de benzer não apenas para manutenção da saúde da comunidade, mas também de sua própria saúde: “*Quando parei de benzer fiquei doente, não podia andar, foi quando percebi que não podia negar o Dom que Deus deu, aí voltei a benzer e fiquei boa.*” (I5, ♀ 64 anos). Foi perguntado aos benzedores como o ato de benzer poderia contribuir na melhoria da saúde¹¹, na proteção ou para evitar males, sendo citado por 56% dos benzedores que não havia explicação, que ao benzer ficamos bem e que essa ciência ninguém sabe explicar, pois é coisa de Deus; sendo essa mesma resposta também obtida em diversos municípios estudados na Bahia (ARAÚJO *et al.*, 2010); 31% consideram que é a fé da pessoa que ajuda; 6% consideram que o pensamento ou a mente que auxiliam; 6% consideram

¹¹ Quanto a análise dessa pergunta cabe ressaltar que uma resposta poderia conter mais de um parâmetro por mim estabelecidos para analisá-la, portanto, pôde ser contabilizada em quantos parâmetros apresentasse. Sendo assim, os trechos citados podem estar presentes em mais de um parâmetro do que o que está exposto como citação.

que espíritos contribuem com conosco através da benzedeira.

A resposta dos atendidos à questão acima foi: 65% citaram que a fé da pessoa e/ou do benzedor contribui (“*A oração bonita que ela reza, fala coisa boa, afugenta mal que a gente tem... a fé também salva.*” I26, ♀ 71 anos), havendo 30% que não sabe (“*Não sabe. Porque tira dor, põe o que incomoda para fora. De primeira a gente só vivia de benzedura, era só chá, meu pai nunca tomou remédio... minha filha, qualquer mato é remédio.*” I40, ♀ 87 anos), 2% acreditam que são as ondas eletromagnéticas da benzedeira e da pessoa atendida que contribuem (“*As ondas eletromagnéticas ajudam, tanto da benzedeira quanto das pessoas. Todos temos mediunidades, uns mais outros menos*” I37, ♂ 68 anos) e 2% dizem que as benzedadeiras vêem as coisas que darão certo. Assim, percebemos que o ato de benzer não requer uma justificativa científica por parte dos benzedores e atendidos, sendo a sensação de bem-estar e a recuperação da saúde, suficientes para que esses confiem e realizem essa prática.

Esse estudo mostrou que algumas pessoas possuem grande confiança e respeito pelos benzedores, fato também registrado por Borba *et al.* (2008). Além disso, algumas pessoas do presente trabalho confiam na benzedeira como uma pessoa que a escuta, como uma amiga: “*Me sentia realizada, calma, aceitava conselho, como uma espécie de amiga.*” (I15, ♀ 60 anos); “*Vou quando a maré tá ruim, às vezes só para conversar, as pessoas têm perdido esse carinho*” (I45, ♀ 34 anos).

A confiança nos benzedores também foi explicitada em um estudo relacionado à prevalência e procura de ajuda na violência conjugal física ao longo da vida, realizado em Embu-SP, que apontou que vítimas de violência grave procuraram ajuda mais frequentemente da polícia/delegacia (36,8%), seguidos de curandeiros/benzedeiros/pais de santo (21,1%) (BRUSCHI *et al.*, 2006), sendo apontado no estudo de Schraiber *et al.* (2000) que a busca de ajuda através de líderes religiosos, no caso das vítimas de algum tipo de violência conjugal física, foi de 15% em São Paulo-SP.

Foi apontado por uma benzedeira que “*Uma pessoa procurou ela porque um médico de Imbituba disse para pessoa procurar benzedeira porque era Zipela, precisava de oração. Ele deu remédio*”

que era a parte dele, mas precisava a oração.” (I4, ♀ 56 anos), mostrando que assim como benzedores podem indicar as pessoas para irem ao médico, alguns médicos consideram importante o auxílio prestado pelos benzedores. Ressalta-se quanto a esse fato, um estudo publicado em 2007, referente a práticas “não-convencionais” de saúde, com estudantes do curso de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina, cujos resultados indicam que uma porcentagem representativa dos estudantes gostaria de aprender sobre o papel das orações (39,6%), sobre tratamentos espirituais (30,5%) e sobre as benzeduras (23,4%) como forma de cura (KÜLKAMP *et al.*, 2007).

Como exemplo ao reconhecimento do saber e das práticas populares das benzedoras, no município de Rebouças-PR, após 22 anos da criação do SUS, através lei municipal Municipal 1.401/2010, foi solicitada a criação de uma “Comissão de Saúde Popular”, segundo a qual benzedores e curadores, após se auto definirem como tais, receberam um Certificado e uma Carteira de “Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular”. A fim de incluir as modalidades de ofícios tradicionais e suas práticas de saúde na Política Municipal de Saúde de Rebouças, foi criado o decreto nº 027/2010, que regulamenta livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas na região aos benzedores e inclui seus serviços prestados como instrumento complementar de terapia na saúde pública do município¹².

¹²

Informação disponível em:
http://www.reboucas.pr.gov.br/pubs/dec2010/2010_DEC027.pdf (Data de acesso: 10.05.2011)

Tabela 3. Informações referentes à Benzedura como prática curativa.

	Benzedores (n=16)	Indicados (n=8)	Aleatórios (n=29)
Qual o papel da benzedura no processo de cura?			
Não tem explicação (Faz bem/Fica bom)	08	-	11
A fé ajuda/ Vem de Deus	04	08	16
Os espíritos ajudam	01	-	-
A mente ajuda	01	-	-
As ondas eletromagnéticas da benzedeira e da pessoa atendida	-	-	01
Os benzedores vêm as coisas que darão certo	-	-	01
Tem alguma forma de retorno ou de troca pelo atendimento que faz?			
Não (não pode cobrar pois vem de Deus, aceita trocado ou alimento mas não cobra)	14	08	27
A consulta custa 10 à 50 reais	01	-	02
O que você acha de um profissional de saúde entender e indicar o uso de plantas com fins medicinais?			
Gostaria que isso acontecesse	13	07	20
Já aconteceu	01	01	04
Sem fé não adianta ensinar planta	02	-	02
Dependeria do problema	-	01	03

Benzedores e as plantas

Quinze benzedores (94%) fazem uso de plantas de alguma maneira com fins medicinais, diferentemente de um trabalho realizado em 1982 em Araraquara-SP, que apontou que 60% dos benzedores apenas benziam, sem utilizar plantas ou conhecerem o uso medicinal dessas (CARVALHO *et al.*, 1982), indicando uma forte relação cultural e conhecimento que os benzedores da região do estudo possuem referente às plantas.¹³

¹³ Saliento que ao citar o uso medicinal das plantas inclui tanto os usos ritualísticos como para tratar enfermidades através de chás, garrafadas e outras formas de preparo.

No total 12 benzedores da região de estudo dizem não haver uma planta específica a ser usada para benzer, pois isso pode ser feito com qualquer planta, havendo, ainda assim, algumas referências frequentes quanto às plantas usadas com esse fim, sendo elas: a arruda (*Ruta graveolens* L.), o guiné (*Petiveria alliacea* L.), o café (*Coffea arabica* L.), a cidreira (*Hyptis suaveolens* (L.) Poit.), o sabugueiro (*Sambucus australis* Cham. & Schltdl.) e a quina (não identificada).

Como no caso das benzeduras, o uso das plantas para benzeção não soube ser explicado por 67% dos benzedores; 27% consideram que é a fé da pessoa ou do benzedor (em Deus ou na planta) que auxilia e 6% acredita haver algo na planta que contribui (“*Usa um galho de café, a folha ajudava a tirar o olhado, a folha murchava*” I50, ♀47 anos). Em outros locais como Serra do Teixeira-PB e Juruena-MT, o uso das plantas também foi citado como no último caso (ARAÚJO, 2011; SANTOS & GUARIM-NETO, 2005) sendo relatado que a planta absorve o que há de negativo, murchando, evitando que esse problema passe para outras pessoas.

Dentro do grupo de atendidos pelos benzedores foram feitas citações referentes ao conhecimento de efeitos tóxicos e abortivos das plantas, havendo, contudo, diversos casos de pessoas que acreditam que as plantas não podem gerar malefícios. Destacam-se citações do uso da arruda como teste de gravidez, para descer menstruação e para cólica sendo outrora essa espécie apontada com efeito abortivo, inclusive na literatura (LORENZI & MATOS, 2008).

Também houve citações que explicitam certo conhecimento das benzedoras quanto aos possíveis malefícios gerado pelo uso de plantas tóxicas (“*Deus deixou cada planta para cada coisa, para fazer o bem e não o mal, porque tem a planta que faz o mal, pra tudo. Tem chá que cura, com fé melhora.*” I23, ♀ 57 anos), pelo uso indevido de plantas (“*Pra dar certo tem que fazer do jeito que eu to falando, dou combinações de plantas, daí tem que usar junto, separado não adianta, tem que ser assim como eu to falando*” I20, ♀ 65 anos; “*tudo que toma demais faz mal*” I4, ♀ 59) ou pela sua ação abortiva (“*Não sou de ensinar chá, chá abortivo, eu sei, mas não ensino. Chá simples de estômago tal, ensino.*” I30, ♀ 64 anos). Contudo, ao justificar sua preferência por plantas na obtenção da cura houve entrevistados que citaram que o uso das plantas não é capaz de trazer malefícios ou efeitos

colaterais, diferentemente dos remédios industrializados. Alguns acreditam que isso se dá devido à origem divina da planta, à fé ao utilizá-la ou por essas serem a fonte de remédios industrializados, evidenciando que para alguns há certa carência de conhecimento quando às questões acima apontadas.

Algumas vezes os remédios indicados pelas pelos benzedores consistiam em “chás” produzidos com café ou chimarrão, não se sabendo até que ponto essa forma de preparo influencia no efeito esperado por determinadas plantas citadas como medicinais. Além disso, os emplastos eram preparados em geral com banha de porco misturados às plantas, o que também poderia influenciar no resultado encontrado.

Quanto à obtenção das plantas pelos benzedores 37% consideram fácil obter as plantas usadas como medicinais, 25% dizem que dependendo da planta é difícil e 37% consideram que em geral obter as plantas é difícil, sendo essa dificuldade no acesso as plantas medicinais na região é algo marcante que merece atenção. Quanto ao local de obtenção 50% citaram conseguiram prioritariamente nos quintais, 31% citaram não haver local prioritário, encontrando-as em matas, quintais (próprios ou de vizinhos) ou no comércio local, 12% citaram que as encontra principalmente na matas próximas e 6% citaram que em geral as compra. Quanto à forma mais comum através da qual os atendidos obtêm as plantas 49% não têm um grupo de pessoas específicas que lhes fornece essas, envolvendo assim desde parentes à conhecidos de alguém da região e salienta-se que 8% dos entrevistados citaram obter as plantas principalmente ou exclusivamente com os benzedores.

Aqui cabe ressaltar a citação de alguns benzedores justificando as dificuldades na obtenção das plantas usadas medicinalmente, algumas salientando a importância nos quintais, como: “*É difícil para pessoa que não planta, se não plantar não tem*”(I32, ♂ 83 anos) ou “*Hoje é difícil, porque hoje procuram mais farmácia, secaram o quintal e não tem mais espaço para plantar em casa. Eu tirei o quintal para o filho morar e o vizinho também não tem, tem quintal e não planta.*” (I23, ♀ 57 anos), outras salientando a dificuldade de obtenção das plantas obtidas nas matas: “*... no mato é difícil obtê-las.*” (I28, ♂ 88 anos) ou “*Não é muito fácil conseguir, porque só cresce no mato...*”(I29, ♀ 62).

Foi questionado então se os benzedores achariam positivo se ao procurarem o médico tivessem como indicação o uso de plantas medicinais, 69% consideram que seria bom “*Eu gostaria, porque planta é mais sadio, mais saudável, remédio às vezes não faz bem, faz mal.*” (I20, ♀ 65 anos), 19% citaram que acha bom e que inclusive isso já ocorreu ou ocorre nos municípios do estudo “*Já aconteceu isso, ele me ensinou e eu ensinei ele*” (I33, ♀ 76 anos), 6% dizem que depende da doença “*Planta deve ser boa, conforme o remédio e doença, dependendo a planta faz melhor*” (I39, ♂ 61 anos) e 6% acreditam que sem a fé não adianta ensinar e/ou usar a planta “*Eles não fazem isso, a medicina deles é diferente, eles acreditam no remédio, daí não adianta passar planta.*” (I4, ♀ 56 anos).

Aproximadamente 84% dos atendidos consideram que seria bom que os médicos indicassem o uso de plantas usadas como medicinais, havendo ainda pessoas que acreditam que seria bom dependendo da doença (11%) e do remédio a ser substituído e outras que consideram que para utilizar a planta é fundamentalmente necessário que o paciente e/ou o médico acreditem (ou tenham fé) nessa forma de cura (5%), colocando isso como condição. Um fato a ser salientado é que 14% dos atendidos disseram que já aconteceu do médico realizar isso no posto de saúde, sendo algo visto como positivo no seu ponto de vista.

A maioria dos atendidos (78%) citou que já aconteceu dos benzedores darem uma planta para os atendidos cultivarem para produzir um “remédio” ou para a terem em casa, ou então, dos atendidos coletarem ou comprarem com esse fim após as plantas serem indicadas pelo benzedor. Percebe-se assim forte relevância da difusão do conhecimento dos benzedores da região referente às plantas e sua utilização medicinal a quem os procura.

Quanto à indicação de plantas por médicos salienta-se que em dezembro de 2008, foi instituído o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, com o objetivo de inserir, com segurança, eficácia e qualidade, plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à Fitoterapia no SUS, além de promover e reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros, sendo uma opção dentro do SUS para aqueles que têm preferência em utilizar medicamentos naturais (GIRALDI, 2009).

Tabela 4. Informações referentes as Benzeduras e as plantas.

	Benzedores (n=16)	Indicados (n=8)	Aleatórios (n=29)
Qual o papel das plantas para benzer?			
A fé na planta ajuda/Porque a planta vem de Deus (“força da planta”)	04	02	08
Não usa planta para benzer	04	-	-
Não sabe	08	04	19
Acredita ter alguma coisa na planta	-	01	02
É fácil conseguir as plantas que usa?			
É fácil	06	-	-
É difícil	04	-	-
As vezes é difícil	06	-	-
Onde você consegue as plantas que usa?			
Quintal	08	-	-
Todo lugar	05	-	-
Mato	02	-	-
Compra	01	-	-

Listagem-Livre de plantas usadas como medicinais

A partir da listagem-livre de plantas usadas com fins medicinais foram feitas 408 citações pelos 16 benzedores entrevistados na área de estudo, sendo essas classificadas em 48 famílias botânicas e 156 espécies ou morfoespécies (Tabela 4). Quanto à listagem-livre de plantas usadas com fins medicinais obtida pelos 37 atendidos pelos benzedores foram feitas 569 citações na área de estudo, sendo essas classificadas em 52 famílias botânicas e 142 espécies ou morfoespécies (Tabela 5).

As plantas mais citadas pelos benzedores foram: *Rosmarinus officinalis* L.(alecrim), *Ruta graveolens* L. (arruda), *Aristolochia triangularis* Cham. (cipó-mil-homens, *Mentha* sp. 2 (hortelã) e *Hyptis suaveolens* (L.) Poit. (erva-cidreira). As quatro primeiras espécies foram as mais citadas também pelos atendidos: *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim), *Mentha* sp. 2 (Hortelã), *Ruta graveolens* L.(Arruda), *Hyptis suaveolens* (L.) Poit. (Erva-cidreira) e *Plectranthus* sp.1 (Boldo).

Outro fato a ser salientado é que a terceira espécie mais citada,

o cipó-mil-homens, é encontrado exclusivamente nas matas da região por parte dos benzedores e atendidos que o citaram, o que explicita a importância dessa espécie para a prática de cura ao grupo estudado, assim como de seus locais de obtenção na região, a restinga e a Mata Atlântica. Zank (2011) também teve dificuldade de coletar tal espécie em Imbituba, assim como a quina, cuja extração foi relatada como muito extensa por seus entrevistados e também não foi encontrada e coletada no presente estudo.

As três famílias de plantas mais citadas, tanto pelos benzedores, como pelas pessoas que por eles são atendidas, foram as mesmas, sendo consecutivamente: Lamiaceae, Asteraceae e Rutaceae. As famílias Asteraceae e Lamiaceae são possuidoras de várias espécies com princípios ativos reconhecidos, sendo comumente as famílias mais citadas em trabalhos referentes a levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais em áreas de Mata Atlântica (GIRALDI, 2009; PINTO, 2006) e restinga (ALBERTASSE, 2010; BOSCOLO & VALLE, 2008). Maciel & Neto (2006), em seu trabalho com os benzedores de Juruena-MT, relataram que as famílias botânicas mais citadas pelos benzedores foram respectivamente Lamiaceae, Rutaceae e Asteraceae, resultado muito similar ao obtido no presente trabalho.

Através do trabalho de Reis *et al.* (2011) verificou-se que 70% das plantas identificadas botanicamente utilizadas como medicinais pelos benzedores e seus atendidos na região são exóticas em Santa Catarina, enquanto 30% são nativas de Santa Catarina. Percebe-se como há influência de outras culturas nesse conhecimento, que depende altamente de plantas que não são encontradas naturalmente região. Nesse contexto, destaca-se o local de plantio dessas espécies na manutenção desse saber e forma terapêutica na região, assim como, mesmo que em menor escala, o conhecimento e utilização de espécies nativas é considerável e sabe-se que parte dessas plantas são obtidas exclusivamente nas matas, o que reforça a necessidade de cuidado com a manutenção das matas da região, bem como um maior conhecimento do potencial terapêutico da flora local.

Tabela 5. Plantas usadas como medicinais pelos 16 benzedores de Imbituba e Garopaba-SC entrevistados.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Adoxaceae								
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueiro	4	DIP, DPS, TSC, LEO, TSR, AND, DSU	Folha	Chá, Compressa	Quintal	ZANK (2011)	Nativa
Alismataceae								
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	Chapéu de couro	1	DSU	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Nativa
Amaranthaceae								
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Meracilina ou Meracilina em erva ou Mercilina em ramo ou Roxinho ou Quebra-derrame	1	LEO, TDS, TSR, AND	Folha, Caule	Unguento, comprimido, Chá, Pomada, gargarejo	Quintal e Mata	Coletada	Nativa
<i>Alternanthera</i> sp.	Anador	1	"outros"	Folha	Chá	Mata	Coletada	-

¹⁴ Número de citações por espécie.

¹⁵ Desordens Mentais e Comportamentais (DMC); Doenças da pele e do tecido subcutâneo (DPS), Transtornos do sistema respiratório (TRS); Transtornos do sistema nervoso (TSN); Doenças do sistema osteomuscular (DSO); Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (DGE); Doenças infecciosas e parasitárias (DIP); Doenças no Sistema genitário feminino (TSF); Doenças no sistema urinário (TSU); Doenças Sistema genitário Masculino (TSM); Lesões, envenenamento e outras consequências de causas externas (LEO); Neoplasias (NEO); Transtornos do sistema circulatório (TSC); Transtornos do sistema digestório (TDS).

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Chenopodium</i> sp.	Mirra	1	Usos Ritualísticos	Semente	Defumar	Quintal	Coletada	-
<i>Alternanthera ficoidea</i>	Figatil ou Figatil-em-erva ou Figatil-em-Folha	3	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
Amaryllidaceae								
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	4	Usos Ritualísticos	Casca do Caule	Chá	Mata	ZANK (2011)	Exótica
Anacardiaceae								
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	1	LEO	Casca do Caule	Chá	Mata	Outros Autores	Nativa
Apiaceae								
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	3	TSF,DGE, DSU	Raiz, Planta toda	Chá	Quintal	Outros autores	Exótica
<i>Cuminum cyminum</i> L.	Couminho	1	DSO, "outros"	Folha	Chá	Compra	Coletada	Exótica
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Endro ou Funcho ou Funcho-amarelo	3	DGE, TSC, DMC, TSF	Folha, Semente, Raiz	Garrafada, Chá	Quintal	Coletada	Exótica
Apocynaceae								
<i>Asclepias curassavica</i> L.	Erva de borboleta	2	TSR	Folha	Chá, Lava o lugar, Pomada,	Quintal, Mata	ZANK (2011)	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Araceae								
<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo-ninguém-pode	4	Usos ritualísticos, "outros"	Folha, Planta inteira	Simpatia, Banho	Quintal	Coletada	-
Areceaceae								
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	2	DGE, TSC	Fiapo do fruto	Chá, Garrafada	Compra	Outros autores	Exótica
Aristolochiaceae								
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	Cipó-mil-homens ou Cipó-melô ou Cipó-milome ou Cipó-milom ou Cipó-milombo ou Cipó-milonga	10	DPS, LEO, "tudo", DIP, TSR, AND,DSO, TSC,	Caule	Chá, Xarope, Garrafada	Mata, Compra	ZANK (2011)	Nativa
Asparagaceae								
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Lança de São Jorge	1	Uso ritualístico	Folha	Banho	Quintal	Outros autores	Exótica
<i>Agave americana</i> L.	Pitera	1	DIP	Folha	Banho	Quintal	Outros autores	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Asteraceae								
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela ou Marcela ou Macela-do-campo ou Macela-do-Mata ou Marcela da Semana Santa	3	TDS, DSO, DGE	Flor	Chá	Mata	Coletada	Nativa
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	2	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão ou Picão-preto	3	TSF, TSR, "outros", AND	Folha	Chá para beber e lavar, Pomada	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Cotula australis</i> (Sieber ex Spreng.) Ho. f. ¹⁶	Calmomila, Camomila-rasteira, Macela-galega, Marcela – galega, Macela-do-campo-rasteira, Marcela-do-campo-rasteira.	7	TDS, DMC, LEO, TSR	folha	Chá, tintura, emplasto, banho	Mata, Quintal	Coletada	Exótica
<i>Calea uniflora</i> Less.	Arnica ou Arnica-do-campo	2	TSN	Raiz	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Nativa

¹⁶ A presente espécie possui diversos nomes populares sendo considerada uma variedade rasteira de outras plantas usadas medicinalmente pela comunidade.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Matricaria recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila, Maçanilha	6	TSC, DMC, DGE, TDS, "outros", LEO, DPS, AND	Flor	Chá, Compressa	Quintal Compra	Coletada	Exótica
<i>Cnicus benedictus</i> L.	Cardo-santo ou Caldo-santo	7	DGE, DPS, "tudo", TDS, TSF, DIP, DMC, TSC, "outros", AND	Folha	Chá	Quintal Compra	Coletada	Exótica
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	2	DGE, TSC, "tudo"	fruto, Folha	Chá, Garrafada	Compra Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Mikania sp.</i>	Guaco	1	DSO	Folha	Chá	Compra	Coletada	-
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Quitoco	1	DSO	Caule	Chá	Mata	Outros autores	-
<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip.	Rainha-das-ervas ou Artemisia ou 4 Folhas	8	NEO, DMC, DPS, TSF, AND, TDS, DSU	Folha, Raiz	Chá, Garrafada	Quintal, Compra	Coletada	Exótica
<i>Taraxacum officinale</i> F.H.Wigg.	Dente-de-leão	1	"outros"	Folha	Chá	Compra, Mata	ZANK (2011)	Nativa
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	Margarida	1	TSC, "outros"	Folha	Tintura	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Figatil ou Figatil-erva ou Figatil-em-Folha	3	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Bignoniaceae								
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellfeld & J.F. Souza	Catuaba	1	TSF, FSM	Folha	Garrafada	Compra	ZANK (2011)	Exótica
<i>Macfadyena unguis-cati</i> (L.) A.H. Gentry	Unha-de-gato	1	TSF, FSM	"Unha"	Garrafada	Compra	Coletada	Exótica
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Ipê-roxo	1	DSO	Caule	Garrafada	Compra	Outros trabalhos	Exótica
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Carova-roxa	1	TDS, TSR	Folha	Compressa do Chá, não tomar	Quintal	ZANK (2011)	Nativa
Boraginaceae								
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	Baleera, ou Barreleira ou Erva-grilo ou Porangaba ou Guanchuma	3	DGE, DSO	Folha, Raiz	Chá, Garrafada	Quintal, Compra	Coletada	Nativa
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	4	LEO, DIP, AND, "tudo", TSR, Uso ritualístico, DMC, "outros"	Folha	Chá, Banho (lavar), Compressa	Compra	ZANK (2011)	Exótica
<i>Syzygium aromaticum</i> L.	Cravo ou Cravo-da- Índia	4	TSR, "tudo", "outros", uso ritualístico, DMC.	Flor	Chá	Compra, Quintal	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Brassicaceae								
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Mentruz ou Mentruncho ou Mantruz ou Mantruncho ou Mentruz-rasteiro	6	DSO, TSR, "outros", TSF, AND	Folha	Chá, Tintura., Garrafada	Compra, Mata, Quintal	Coletada	Nativa
<i>Nasturtium officinale</i> W.T. Aiton	Agrião	7	DGE, TSR				Coletada	Exótica
Cecropiaceae								
<i>Cecropia</i> sp.	Embaúva	1	DSU, TSR	Folha	Garrafada, Chá, Xarope, Salada	Quintal, Compra	Outros autores	-
Celastraceae								
<i>Maytenus aquifolium</i> Chodat	Espinheira-santa	4	DGE, TDS, TSN, Uso ritualístico, NEO, "tudo"	casca	Chá	Mata	ZANK (2011)	Nativas
Commelinaceae								
<i>Dichorisandra thyrsiflora</i> J. C. Mikan	Cana-do-Brejo	1	DGE, TSC, DSU, AND	Folha	Chá	Mata	ZANK (2011)	Nativa
Costaceae								

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Costus</i> sp.	Cana-do-Brejo	1	DSU	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	-
Cucurbitaceae								
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu ou Machuchu	4	TSC	Folha	Chá, Salada, Compressa	Quintal	Coletada	Exótica
Cyperaceae								
<i>Scirpus</i> sp.	Piri-roxo	1	TSF, FSM	Raiz	Chá	Quintal	ZANK (2011)	-
Equisetaceae								
<i>Equisetum hyemale</i> L.	Cana-cavalinha ou Cavalinha	3	DSU, AND	Folha	Garrafada	Mata	Coletada	Exótica
<i>Dioscorea altissima</i> Lam.	Salsa-parrilha	1	TSC, DSO	Raiz triturada	Chá	Mata	ZANK (2011)	Nativa
Fabaceae								
<i>Bauhinia</i> sp.	Pata-de-vaca	4	DSU	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	-
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Andú ou Feijão-Andú ou Feijão-Andum	3	TSC, "tudo", TSR, TSC, DMC,	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6) "outros"	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl.	Sena	1	TDS	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Pau-óleo ou Copaiba	1	DSO, "outros"	Seiva (óleo que sai quando fura tronco)	Compressa, Massagem	Mata	Outros autores	Exótica
Lamiaceae								
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Erva-cidreira ou Cidreira	9	DPS, DIP, TSR, "tudo", TDS, DMC	Folha	Chá	Quintal, Compra	Coletada	Exótica
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema	5	Uso ritualístico, TDS	Folha	Chá, Defumar, Ter planta em casa, Banho	Quintal, Compra	Coletada	Exótica
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-São-Francisco	2	TDS, Uso ritualístico, "outros"	Folha	Chá, Banho	Quintal	ZANK (2011)	Nativa
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	4	TSR, DIP, Uso ritualístico	Folha	Chá, Defumar, Banho	Quintal, Compra	ZANK (2011)	Exótica
<i>Mentha</i> sp. 1	Alevante	7	Uso ritualístico, DMC, AND, TDS, DIP, TSC	Folha	Chá, Banho, Defumar, Garrafada	Quintal, Compra	Coletada	-
<i>Mentha</i> sp. 2	Hortelã	10	DIP;TDS,DMC, TSR	Folha	Chá	Quintal, Compra	Coletada	-
<i>Mentha</i> sp. 4	Hortelã-Roxa	1	DIP;TDS,DMC,	Folha	Chá	Quintal,	Coletada	-

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6) TSR	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeirão	4	Uso ritualístico	Folha, Planta inteira	Banho, Ter planta e casa, Defumar, Chá, Comer	Compra Quintal	Coletada	Exótica
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Erva-doce ou Erva-de-Anil ou Erva-de-Anis	1	DPS, TDS, DMC, AND	Folha	Chá	Compra	Coletada	Exótica
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Erva-doce	4	TSC, TDS, TSF, "tudo", DMC, TSN	Semente, Folha	Chá, Garrafada	Quintal, Compra	Coletada	Nativa
<i>Plectranthus</i> sp.1	Boldo ou Mata-amarga ou Boldo-do-chile	2	TDS	Folha	Chá	Quintal	Coletada	-
<i>Plectranthus</i> sp.2	Boldinho ou Boldo – pequeno	2	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal, Mata	Coletada	-
<i>Plectranthus</i> sp.3	Boldo-do-chile ou Boldo-Chileno	1	TDS	Folha	Infusão	Quintal	Coletada	-
<i>Plectranthus</i> sp.4	Boldo-grande	2	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal	Coletada	-
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	11	Uso ritualístico, TSF, DMC, DSO, TSC, DGE.	Folha, Planta inteira	Chá, Banho, Defumar, ter a planta em casa.	Quintal, Mata	Coletada	Exótica
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Incenso ou Incenso-da-igreja ou Incenso-	3	Uso ritualístico	Folha	Defumar	Quintal, ganha na	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
	das-Ervas					igreja		
Lauraceae								
possivelmente <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Quina	5	Uso ritualístico, LEO, DPS, TSC, DGE, DSO, AND	casca do Caule	Chá, Garrafada	Quintal, Compra, Mata	ZANK (2011)	Exótica
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	2	DSO	Caule	Chá com leite ou água	Compra	ZANK (2011)	Exótica
<i>Laurus nobilis</i> L.	Loro ou Louro	8	TDS, DPS, DMC, TSR, "outros, AND, Uso ritualístico, DSU	Folha	Chá, Defumar, Banho	Quintal, Compra	Coletada	Exótica
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	3	DSU, "outros"	Folha, Caróço do fruto	Chá, Tintura	Quintal	Coletada	Exótica
Lythraceae								
<i>Punica granatum</i> L.	Romã ou Romana	3	DSO, TDS, TSC	Casca do fruto	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J. F. Macbr.	7 sangrias	4	DGE, TSC	Folha, Planta inteira	Chá, Banho	Mata, Quintal	ZANK (2011)	Nativa
Malvaceae								
<i>Malva</i> sp.1	Malva	6	NEO, LEO, TSR, DPS, TSF, AND	Folha	Chá, Banho, infusão,	Quintal, Compra	ZANK (2011)	-

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Triumfetta</i> sp.	Carrapicho	1	DSO	Raiz	Garrafada Compressa, emplasto	Mata	ZANK (2011)	-
Moraceae								
<i>Morus nigra</i> L.	Amora ou Amora-Branca	2	DIP	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
Musaceae								
<i>Musa</i> sp. 2	Banana	2	DPS, TSC	"umbigo", fruto	Xarope, Comer	Quintal	ZANK (2011)	-
Myristicaceae								
<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Noz-moscada	5	AND, TSC, DMC, DPS, DSO, DGE, TSN	Flor	Chá	Compra	ZANK (2011)	Exótica
Myrtaceae								
<i>Eucalyptus citriodora</i> Hook.	Eucalipto-lima	1	TSR	Folha	Chá	Mata, Compra	ZANK (2011)	Exótica
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Jambolão	2	DGE	Folha	Chá	Quintal	Outros autores	Exótica
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	1	TDS	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Nativa
Nyctaginaceae								

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Erva-tustão	1	TSF	Folha	Chá	Mata	Outros	Exótica autores
Passifloraceae								
<i>Passiflora coccinea</i> Aubl.	Maracujá	1	TSC	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Passiflora</i> sp. 1	Maracujá-de-flor-branca	1	TSC	Folha	Chá	Quintal	Coletada	-
Phyllanthaceae								
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	1	DSU	Folha, Planta inteira	Chá	Mata	Coletada	Nativa
<i>Phyllanthus</i> sp.	Quebra-pedra	5	DSU, Uso ritualístico, TSF	Folha, Planta inteira	Chá, Banho, Garrafada	Quintal, Mata	Coletada	-
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra ou Quebra-pedra-rasteiro	1	DSU	Raiz	Garrafada	Mata, Quintal	Coletada	Nativa
Phytolaccaceae								
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	8	Uso ritualístico, "tudo", DMC, LEO, TDS	Folha	Chá, Defumar, Ter planta, Banho, Garrafada	Quintal	Coletada	Exótica
Plantaginaceae								
<i>Plantago</i> sp.	Tansagem	7	TSR, LEO, "outros. TSF	Folha	Chá, Garrafada, Banho	Compra, Quintal	Coletada	-

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Poaceae								
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Cana-cidreira ou Cana-cidró ou Cana-Limão	5	DMC, NEO, TSR, DSU, TSC	Folha	Chá, Compressa	Mata, Quintal, Compra	Coletada	Exótica
<i>Cymbopogon</i> sp.	Capim-Santo	1	DMC	Folha	Chá	Quintal	Outros autores	-
<i>Zea mays</i> L.	Milho ou Milho-Roxo	1	DSU	Fruto	Garrafada	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	1	TSC	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
Rosaceae								
<i>Fragaria vesca</i> L.	Morango	1	TSC, DMC	Folha	Chá	Quintal	Outros Autores	Exótica
<i>Rosa</i> sp. 1	Rosa Branca	1	TRS, "outro", DMC, Uso ritualístico, DPS, TSC	Flor	Chá, Banho	Quintal	ZANK (2011)	-
<i>Rosa</i> sp. 2	Rosa	5	DMC	flor	Banho	Quintal	ZANK (2011)	-
Rubiaceae								
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	3	Uso ritualístico, TDS, "outros",	fruto, Folha	Chá, Defumar, Banho	Compra, Quintal	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6) DMS	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Diodia radula</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) Cham. & Schldl.	Erva Lagarta	1	LEO	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
Rutaceae								
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	11	Uso ritualístico, TSF, DMC, LEO, DIP, DPS, TSN, TDS, FSM	Folha	Chá, Banho, Defumar, Compressa, Garrafada	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Citrus</i> sp. 1	Laranja	4	dge, dps, "tuso", AND TSC, DMC	Folha	Chá, Banho	Compra, Quintal	Coletada	-
<i>Citrus</i> sp. 2	Laranja-Lima ou Laranja-de-bico	2	Uso ritualístico, TSC, DMC, TSR	Folha	Garrafada, Chá, Defumar	Quintal	Coletada	-
<i>Citrus</i> sp. 3	Laranja-cravo	1	TSN	Folha	Chá	Mata	Coletada	-
<i>Citrus</i> sp. 4	Cidra	1	TSC	Semente	Chá	Quintal	Coletada	-
<i>Citrus</i> sp. 6	Limão	1	TSR	Folha	Chá	Compra, Quintal	Coletada	-
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	11	Uso ritualístico, TSF, DMC, LEO, DIP, DPS, TSN, TDS, FSM	Folha	Chá, Banho, Defumar, Compressa, Garrafada	Quintal	Coletada	Exótica
Sapindaceae								

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Paullinia cupana</i> Kunth.	Guaraná	1	TSF, FSM	Folha	Garrafada	Compra	Outros Autores	Exótica
Schisandraceae								
<i>Illicium verum</i> Hook. f.	Anis-estrelado	1	TDS	Semente	Banho	Quintal	Outros autores	Exótica
Theaceae								
<i>Thea sinensis</i> L.	Chá-verde	1	TDS	Folha	Chá	Quintal, Compra, roça	ZANK (2011)	Exótica
Verbenaceae								
<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	Erva-Santa ou Erva-de-Santa-Maria ou Erva-de Bicha	4	TSR, DMC, TDS, DIP, NEO	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Nativa
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Melissa ou Melissa	4	TRS, DMC	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
possivelmente <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Salvia ou Salva	3	TSR, TSF	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão ou Gervão-Roxo	4	TDS	Folha	Chá	Mata	ZANK (2011)	Nativa
Vitaceae								
<i>Vitis vinifera</i> L.	Parreira ou Uva	1	DGE, DPS	Folha	Compressa	Quintal	Outros	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
								Autores
Xanthorrhoeaceae								
<i>Aloe</i> sp.	Babosa	3	TSR, LEO, AND, DSO, NEO	Folha, Seiva	Chá, suco, Compressa	Quintal	Coletada	-
Zingiberaceae								
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	1	TSC, TDS, DSO	Raiz	Garrafada	Compra	Coletada	Exótica
Não Identificadas (NI)								
	7 ervas	2	Uso Ritualístico	Folha	Banho	Quintal, Compra		
	Alfavaca	1	TRS	Folha	Chá	Quintal		
	Alfavaca-do-Mata ou Alfavaca-brava	1	NEO	Folha	Chá	Mata		
	Assa-flor	5	TSC, DMC, DSO	Folha, flor	Chá, Garrafada	Quintal, Compra		
	Bambuzeiro	1	DSU	Raiz	Chá	Quintal		
	Calêndula	1	LEO	flor	Pomada, Unguento, Compressa com álcool	Mata		
	Camomila	1	DGE, TDS	Folha, flor	Chá	Quintal		
	Cana-limão							
	Cana-miúda	1	DGE, DMC	Folha	Chá	Quintal		

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N ^{o14}	CATEGORIA DE USO ¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Cânfora ou cânforra ou Cânfora-da-horta	Cidra	1	DGE, TDS, DPS	Folha	Chá, Tomar com bebida alcoólica	Quintal		
	Cidrão	2	TSR, TSC, DMC	Folha, Semente	Chá, Garrafada	Quintal		
	Cidrol	3	TRSR, DPS, NEO, "outros"	Folha	Chá	Quintal, Compra		
	Cipó-chumbo	2	AND	Folha	Chá	Quintal		
	Cipó-de-São-João	4	TSR	Caule	Chá	Compra		
	Dipirona-em-erva ou Dipirona	1	DSO	Caule	Garrafada	Compra		
	Erva-de-bicha	1	"outros", "tudo", AND	Folha	Chá	Quintal do vizinho		
	Erva-de-bugre	1	TDS, DMC, AND	Folha	Chá, Banho	Quintal		
	Erva-de-jararaca	1	Uso Ritualístico	Folha	Banho	Quintal		
	Flor-da-noite	2	LEO	Folha	Garrafada	Mata		
	Fumária	1	TSF	Folha	Chá	Quintal		
	Gengiva ou gengivra	1	TDS, LEO	Folha	Chá	Quintal		
	Grama-da-praia	2	TSC, TSR	Raiz, Folha	Chá com chimarrão, Chá, Garrafada	Quintal, Compra		
	Gravatá-da-laranjeira	1	TSR	Folha	Chá, Garrafada	Compra		
	Gravatá-do-Cafezeiro	1	DGE	Folha	Garrafada	Mata		
	João-guarandim	1	DGE	Planta inteira	Garrafada	Quintal		
		1	LEO	Folha	Garrafada	Mata		

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N^{o14}	CATEGORIA DE USO¹⁵ (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
	Maçanilha	2	TSC, TSR	Folha, flor	Chá, Chá com gema de ovo	Compra, Quintal		
	Macela-galega	5	DIP, LEO, TDS, "tudo", AND	Planta inteira, Folha, flor	Chá e toma Banho	Mata		
	Nó-de-cachorro	1	TSF, FSM	Folha	Garrafada	Compra		
	Orô	1	Uso Ritualístico	Folha	Banho	Quintal		
	Parrerinha-do-Mata	1	DSU	Folha	Garrafada	Quintal		
	Pata-de-mula	1	NEO, AND	Folha	Chá	Quintal		
	Pau-ferro	1	TSF, FSM	Folha	Garrafada	Compra		
	Piri-preto	2	DSU	Raiz	Chá, Garrafada	Quintal		
	Quebra-demanda	1	Uso Ritualístico	Planta inteira	Ter em casa	Quintal		
	Sangue-de-Dávi ou Sanguieiro	1	NEO, AND, DSU, TSF	Fruto, Seiva	Suco, Compressa	Compra		
	Tajujá	1	DSO	Raiz	Garrafada	Compra		
	Trevo das 9 Folhas	1	Uso Ritualístico	Folha	Banho	Quintal		

Tabela 6. Plantas usadas como medicinais pelos 37 atendidos pelos benzedores de Imbituba e Garopaba-SC entrevistados.

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Adoxaceae								
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schldl.	Sabugueiro	1	DIP, "outro", AND	Folha	Banho	Mata	ZANK (2011)	Nativa
Alismataceae								
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schldl.) Micheli	Chapéu-de-couro	2	TDS, TSC	Folha	Chá	Quintal, Mata, Compra	ZANK (2011)	Nativa
Amaranthaceae								
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Meracilina, Meracilina em ramo, roxinho	10	DSU, AND, DGE, DMC, TSR, "outro"	Folha	chá, Gargarejo	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Alternanthera cf. sessilis</i> (L.) R. Br. ex DC.	Anador	2	TSN, TSN, TSR, AND	Folha	Chá	Mata	Coletada	Nativa
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	1	DGE	Fruto	Suco	Compra	Coletada	Exótica
<i>Chenopodium sp.</i>	Mirra	1	Usos Ritualísticos	Planta inteira	Ter planta	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Alternanthera ficoidea</i>	Figatil	4	DGE, TDS	Folha	Chá ou suco	mata, quintal	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Amaryllidaceae								
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	1	LEO	A cebola mesmo	Compressa	Compra	Outros autores	Exótica
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	3	Usos Ritualísticos, DIP, TSC, TSR, "tudo", AND, DGE,	Dente de alho	Inalação, simpatia, suco	Compra	ZANK (2011)	Exótica
Apiaceae								
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	2	DSU, DSO	raiz, Folha	chá, suco	Mato, quintal	Coletada	Exótica
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	1	"tudo"	a cenoura	Suco	comprada	Coletada	Exótica
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho, Funcho-amarelo, Endro	7	"outro", TDS, TSF, "tudo"	Planta toda, folha	Chá	Quintal, Posto de Saúde	Coletada	Exótica
Aquifoliaceae								
<i>Ilex paraguariensis</i> A. St.-Hil.	Erva mate	1	"outro"	Folha, caule	Chá	comprada	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Araceae								
<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo-ninguém-pode	3	Usos Ritualísticos	Planta toda, folha	Ter a planta	Quintal	Coletada	Exótica
Arecaceae								
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	1	DGE	Fruto	Garrafada	Comprado	Outros autores	Exótica
Aristolochiaceae								
<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	Cipó-milome, cipó milombo, cipó-milongo	3	DPS, TSF	Caule	Chá	Mata	ZANK (2011)	Nativa
Asparagaceae								
<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer	Lança de são Jorge	1	Usos Ritualísticos	Planta toda	Ter em casa	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd. ou <i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada de são Jorge	2	Usos Ritualísticos	Planta toda	Ter em casa	Quintal	Coletada	Exótica
Asteraceae								
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela, Marcela,	7	TDS, TSN	Flor	Chá	mata, quintal	Coletada	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Macela-do-campo, Marcela-do-mato, Macela-da-quaresma Losna	3	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Baccharis</i> sp.	Carqueja, Calqueja, Vassoura	4	DGE, TSC, TDS, DSU, TSR	folha, Caule	Chá	Quintal, mata	Coletada	Nativa
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão, Picão-preto	5	DGE, TSF, TSR, DSU, AND, LEO	folha	chá, gargarejo, compressa	Quintal, Mata	Coletada	Nativa
<i>Calea uniflora</i> Less.	Arnica, Arnica do Campo	6	AND, "outros", LEO, DSO, DGE	Flor, folha	Compressa com álcool, Massagem	Mata, Quintal	ZANK (2011)	Nativa
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila rasteira, Maçanilha	11	DMC, TDS, TSF, TSR, DSU	folha, flor	chá, xarope	Quintal, Comprda	Coletada	Exótica
<i>Cnicus benedictus</i> L.	Cardo-santo	3	DIP, TSR, DPS	folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Cotula australis</i> (Sieber ex Spreng.) Ho. f.	Camomila, Maçanilha	9	TDS, DMC, LEO, TSR	folha	Chá, tintura, emplasto, banho	Mata, Quintal	Coletada	Exótica
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra	5	DGE, TDS	folha	Chá	quintal, mata	ZANK (2011)	Exótica
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	1	DGE, DMC	Folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	
<i>Mikania laevigata</i> Sch. Bip. ex Baker	Guaco	1	TSR	folha	Chá, xarope	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Mikania</i> sp.	Guaco	5	TSR, DMC	folha	Chá, xarope	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch. Bip.	Rainha-das-ervas, 4-folhas, Rainha-de-7-dias	8	TSF, DMC, TDS, DPS, Usos Ritualísticos, "outros", "tudo"	Folha, Planta inteira	Chá, defumação	Quintal*	Coletada	Exótica
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	3	DGE, TDS	Folha	Chá ou suco	Mata, Quintal	ZANK (2011)	Nativa
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Catinga-de-mulata	1	TDS, TSR	Folha	Chá, Tintura	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Taraxacum officinale</i> F.H.Wigg.	Dente-de-leão	1	TDS, DGE	Folha	Chá	Quintal	Coleta	Exótica
<i>Vernonia polyanthes</i>	Assa-peixe	2	DSU	Folha	Chá	quintal, mata	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
(Spreng.) Less.								
Bignoniaceae								
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	Erva-de-São-João	1	DMC	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Nativa
Bixaceae								
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	2	DGE	semente	chá, tintura	mata, quintal	Coletada	Exótica
Boraginaceae								
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	Baleeira	1	AND	Folha	Chá	Mato	ZANK (2011)	Nativa
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	5	TSR, LEO, "outros", AND	folha	Chá, compressa	Quintal	Coletada	Exótica
Brassicaceae								
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve, Couve-manteiga	3	"tudo", TDS, DGE	folha	suco, salada	Quintal, comprada	Coletada	Exótica
<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i> L.	Repolho	1	DGE	Folha	Salada	comprada	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Mentruz ou Mentruncho	11	TSR, "outros", "tudo", TDS, LEO, DGE, TSC, TDS, AND	Folha	Chá, salada, compressa, emplasto, suco, gemada*	quintal, mato	Outros Autores	Nativa
<i>Nasturtium officinale</i> W.T. Aiton	Agrião	6	AND, TRS, DSU, TSC	folha	Chá, salada	Quintal, comprada	Outos autores	Exótica
Bromeliaceae								
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	1	TSR	Fruto	Comer	comprada	ZANK (2011)	Exótica
Caricaceae								
<i>Carica</i> sp.	Mamão-macho	1	TDS	Flor, semente	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Nativa
Celastraceae Fabaceae								
<i>Maytenus aquifolium</i> Chodat	Espinheira-Santa, Espinheira	11	TDS, TSN, TSC, NEO, DSU	Folha	Chá	mata, quintal	Coletada	Nativas
Commelinaceae								

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Dichorisandra thyrsoiflora</i> J. C. Mikan	Cana-do-brejo	5	DSU, LEO, TSF, AND, TSC	folha	Chá	quintal, Mata	Coletada	Nativa
Costaceae								
<i>Costus</i> sp.	Cana-do-brejo	4	FSM	folha	Chá	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Folha-gorda, Fortuna	1	DPS	folha	Compressa	Quintal	Outros autores	Exótica
Cucurbitaceae								
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino, Pepino-pequeno	2	"tudo", DPS	Fruto	Suco	comprada	Coletada	Exótica
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	10	DPS, TRS	folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
Dioscoreaceae								
<i>Dioscorea altissima</i> Lam.	Salsa-parrilha	2	AND	Planta toda	Chá	Quintal	Coletada	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Equisetaceae								
<i>Equisetum hyemale</i> L.	Cavalinha	5	AND, DIP, DSU	Planta toda, Folha	Chá	quintal, mata, compra	Coletada	Exótica
Euphorbiaceae								
<i>Jatropha multifida</i> L.	Mercúrio	2	LEO	Seiva	Compressa	Quintal	Fotografada	Exótica
Fabaceae								
<i>Bauhinia</i> sp.	Pata-de-vaca	6	DSU, DSO, AND, DGE	folha	Chá, garrafada	mato, quintal	Coletada	Nativa
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão-andum, Feijão-andú	2	DGE, TSC, TDS, "outro'	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl.	Seni	1	TDS	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Desmodium</i> sp.	Pega-pega	1	DSU	folha	chá	Quintal	Outros autores	Nativa
Lamiaceae								
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Cidreira, Erva-cidreira	18	DMC, DSO, TSR, TSF	Folha	Chá	Quintal, Compra	Coletada	Exótica
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema	6	Usos Ritualísticos, TDS	Folha	Defumação, Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.)	Cordão-de-	1	Usos	Folha	Banho, chá	Quintal	Coletada	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
R. Br.	São-Francisco		Ritualísticos, AND					
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	1	TSR	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Mentha</i> sp. 1	Alevante	1	TDS	folha	Chá, Toma com chimarrão	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Mentha</i> sp. 2	Hortelã	21	DIP, DMC, TDS, TSC, DGE, Usos Ritualísticos	folha	Chá	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Mentha</i> sp. 3	Hortelã-branca	4	DIP, DMC, TSR, TDS	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Mentha</i> sp. 4	Hortelão-roxa	5	DGE, DMC, TSR, DIP, TDS	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	1	TSR	Folha	Chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Erva de Anil, Anis, Erva-doce	3	LEO, DMC	folha	Chá, Compressa com cachaça	Mato, quintal, compra	Coletada	Exótica
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Erva-doce	7	TSR	folha	chá	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Plectranthus</i> sp.1	Mato-amargo, boldo, boldo-comum	18	DGE, TRS, TDS, "outros"	folha	chá, suco	Quintal, mata	Coletada	Exótica
<i>Plectranthus</i> sp.3	boldo-chileno	1	DGE, TDS	Folha	Chá	mata, quintal	Coletada	Exótica
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	22	Usos	Folha	Chá , Banho,	Quintal	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
			Ritualísticos, DMC, TDS, DGE, TSR, TSN, TSF, TSC		Defumação			
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Mirra	3	Uso ritualístico	Folha	Ter a planta	Quintal	Coletada	Exótica
Lauraceae								
<i>possivelmente Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Quina	1	DPS	folha	chá	Quintal (vizinho)	ZANK (2011)	Exótica
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela em pau ou em pó	1	TSR	Canela	Chá com leite e mel	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
<i>Laurus nobilis</i> L.	Loro, Louro	9	TDS, DMC, DSO, NEO	folha	chá	quintal, compra	Coletada	Exótica
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	7	DSU, DGE	folha, Semente	chá	Quintal, mata	Coletada	Exótica
Lythraceae								
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	3	TDS, TSR, AND	Casca do fruto, folha	Chá, garagarejo, comer	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Cuphea carthagenensis</i>	7 sangrias	4	TSC, DGE	Folha	Chá	mata, quintal	ZANK	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
(Jacq.) J. F. Macbr.							(2011)	
Malpighiaceae								
<i>Malpighia glabra</i> L.	Caçarola (acerola)	1	DGE	Fruto	Suco	Quintal	Coletada	Exótica
Malvaceae								
<i>Malva sp.</i>	Malva	13	AND, "outro", TSF, TSR, LEO, DGE	folha, planta inteira	chá, gargarejo, banho (lavar)	quintal, posto de saúde	Coletada	Exótica
Malva sp. 2	Malva de dente	1	TRS	folha	Chá, Banho, gargarejo	Quintal	Coletada	Exótica
Moraceae								
<i>Morus nigra</i> L.	Amora, Amora-branca	3	TSF, DGE	folha	chá	quintal, mata	Coletada	Exótica
Musaceae								
<i>Musa sp.</i>	Banana	1	TDS	Flor	Chá	Quintal	Outros autores	Exótica
Myristicaceae								
<i>Myristica fragrans</i>	Noz-moscada	1	DMC	A noz ralada	Toma com café	comprada	Coletada	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Houtt.							Coletada	
Myrtaceae								
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto-lima	2	TSR, TSN	folha	chá, respira o vapor	Quintal, Mata		Exótica
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	5	TSC, TDS	folha	chá	quintal, Mata, quintal	Coletada	Exótica
<i>Psidium araca</i> Raddi	Araçá	2	TDS	folha	chá	quintal, mata	Coletada	Exótica
<i>Psidium cattleyanum</i> Sabine	Araçá	2	TDS, AND	folha	chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	8	TDS	folha	chá	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Syzygium jambolanum</i> (Lam.) DC.	Jambolão	2	DGE, TSC	folha	chá	Quintal	Outros autores	Exótica
Oxalidaceae								
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	1	DGE	Folha	Chá	comprada	Coletada	Nativa
Passifloraceae								
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	2	DGE	Folha	Chá	Comprada	Coletada	Nativa
<i>Passiflora</i> sp.	Maracujá, Maracujá-da-	8	DMC	folha	chá	Quintal	ZANK (2011)	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N°	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
<i>Passiflora</i> sp. 1	flor-Branca, Maracujá-da-flor-roxa Maracujá-doce	1	DMC	folha	Chá	Quintal	ZANK (2011) ZANK (2011)	Nativa
Phyllanthaceae								
<i>Phyllanthus</i> sp.	Quebra-pedra	7	DSU, TSU, LEO, AND	folha, caule, planta inteira	chá	Quintal		Nativa
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra	7	DSU, AND	Planta toda, Folha, raiz	Chá	mata, quintal	Coletada Coletada	Nativa
Phytolaccaceae								
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	16	TSC, TRS, DMC, "outros", Usos ritualísticos	folha	chá, banho, compressa, ter a planta, defumar	Quintal		Exótica
Piperaceae								
<i>Piper umbellatum</i> L.	Pariparoba	1	DIP	folha	chá	Quintal	Coletada Coletada	Nativa
Plantaginaceae								
<i>Plantago</i> sp.	Tansagem	11	AND, DSU,	folha	chá, gargarejo,	Mata, quintal	Coletada	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6) TSR, TSC, LEO	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Poaceae								
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Cana-cidreira, capim-limão, cana-limão	13	DMC, LEO, TDS, TSR	folha	chá	Quintal, Mata, Posto de saúde	Coletada	Exótica
<i>Cymbopogon</i> sp.	Capim-santo	1	DMC, TSC	Folha	Chá	Quintal	Outros autores	Exótica
<i>Zea mays</i> L.	Milho-roxo, milho	2	DSU	Flor	chá	Quintal	Coletada	Exótica
Polygalaceae								
<i>Polygala cyparissias</i> A. St.-Hil. & Moq.	Gelol	2	"outros"	folha, raiz	Compressa	Mata	ZANK (2011)	Nativa
Pteridaceae								
<i>Adiantum cf. raddianum</i> C. Presl	Avenca	1	TSR	folha	chá	Quintal	ZANK (2011)	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Rosaceae								
<i>Rosa</i> sp.1	Rosa-branca	4	"outros", AND	flor	chá, compressa	Quintal	ZANK (2011)	Exótica
Rutaceae								
<i>Citrus</i> sp. 1	Laranja	15	TDS, DMC, "tudo", TSR,	folha	chá	Mata, quintal	Coletada	Exótica
<i>Citrus</i> sp. 5	Vergamota	1	TDS	folha	chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Citrus</i> sp. 6	Limão	4	TDS, TSC, DSO	Fruto, folha	suco, inalação, chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	20	Usos Ritualísticos, DMC, TDS, TSC, DIP, TSF	Folha	Simpatia, chá, banho, ter a planta, defumar	Quintal*	Coletada	Exótica
Solanaceae								
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata-inglesa	1	TDS	Raiz	Suco	comprada	Coletada	Exótica
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	2	DGE, TDS	folha	garrafada, chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Thea sinensis</i> L.	Chá-verde, chá-preto	3	TDS, "outros"	Folha	chá	Compra	ZANK (2011)	Exótica

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N°	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Verbenaceae								
<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	Erva-Santa ou Erva-de-Santa-Maria	3	TDS, TSR	Folha	chá	Quintal	Coletada	Nativa
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Melissa ou Melissia	13	TSC, DMC, TSR, DGE, AND	Folha	Chá	Quintal mata	Coletada	Exótica
<i>possivelmente Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Sálvia	1	TSR	folha	chá	Quintal	Coletada	Exótica
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Jervão	3	TSR, DGE, DSU	Folha, flor	Chá, garrafada	mata, quintal	Coletada	Nativa
Vitaceae								
<i>Cissus sicyoides</i> L.	Insulina	2	DGE, FSM	folha	Chá	Quintal, mata	Coletada	Nativa
Xanthorrhoeaceae								
<i>Aloe</i> sp.	Babosa	8	LEO, DSO	Seiva	compressa, Suco da folha com conhaque, cachaça e mel grosso	Quintal	Coletada	Nativa

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
Zingiberaceae								
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	3	TRS, "outros"	Raiz	Chá, suco	Quintal, compra	Coletada	Exótica
Não identificadas (NI)								
	Fumo de corda	1	LEO	Folha	Emplasto	Quintal		
	Amoxicilina	1						
	Alfavaca	1	TSR	Folha	Chá	Quintal		
	Alfavaca-de-peixe	1	AND	Folha	Chá	Quintal		
	Alfavaca-do-reino	1	TSR	Folha	Chá	Quintal		
	Bálsamo ou Balsamo-bravo	2	"outros", LEO	folha	chá, compressa	Quintal		
	Camomila	1	DMC	Folha, flor	Chá	Quintal , comprada		
	Cana-limão	1	TSR	Folha, caule	Chá, suco	Quintal		
	Cânfora ou cânforra ou Cânfora-da-	1	NEO, TDS	Folha	Chá, tintura	Quintal		

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	Nº	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
	horta							
	Capuerava	1	TSC	Planta inteira	banho	Quintal		
	Cidrão	3	DMC, TSR	Folha	Chá, xarope	Quintal		
	Coração-de-São-Jorge	1	Usos Ritualísticos	Planta toda	Ter em casa	Quintal		
	Dipirona-em-erva ou Dipirona	1	TSN	folha	chá	Quintal		
	Erva-de-Santa-Luzia	1	"outros"	Folha	Compressa	Quintal		
	Maçanilha	3	TDS, TSF, AND, DMC	Planta inteira, folha	Chá	Quintal		
	Macela-galega	6	AND, TDS, "tudo", DPS	Flor, folha, planta inteira	Chá	Mata, quintal		
	Mil-ramos ou Mil-folhas	1	TSC, TSF	Folha	Chá	Quintal		
	Orelha-de-gato	1	TSR	Folha	Chá	Quintal		
	Pimenta	1	Usos Ritualísticos	fruto	Banho	Quintal		
	Sangue-da-água	1	NEO	Seiva	Não sabe, Poe na água	Quintal		

NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	N°	CATEGORIA DE USO (Anexo 6)	PARTE DA PLANTA UTILIZADA	FORMA DE USO	FORMA DE OBTENÇÃO	ID	Ocorrência em SC
	Sena ou Seni	2	TDS	folha	chá	Quintal		

Oito famílias de plantas foram exclusivamente citadas pelos benzedores, o que podemos supor ocorrer por essas estarem relacionadas à doenças com pouca frequência na comunidade, por essas doenças serem tratadas preferencialmente através do uso de medicamentos industrializados ou pelo fato de não serem tão comumente utilizadas pelos atendidos, não tendo sido recordadas por esses. As famílias de plantas citadas exclusivamente pelos atendidos foram: Anacardiaceae, Cecropiaceae, Commelinaceae, Cyperaceae, Sapindaceae e Schisandraceae, além de uma espécie chamada localmente de “orô” que segundo Verger (1995) pode ser uma espécie da família Nyctaginaceae ou Moraceae ou Irvingiaceae.

Treze famílias de plantas foram exclusivamente citadas pelos atendidos, podendo indicar a relevância de outras formas de aprendizagem referente às plantas medicinais citadas nas entrevistas como através dos parentes e vizinhos, através de meios de comunicação, como a televisão, ou através da pastoral da saúde. As famílias de plantas citadas exclusivamente pelos atendidos foram: Solanaceae, Bixaceae, Dioscoreaceae, Euphorbiaceae, Polygalaceae, Aquifoliaceae, Bromeliaceae, Caricaceae, Crassulaceae, Malpighiaceae, Oxalidaceae, Piperaceae e Pteridaceae (Figura 5).



Figura 4. Turnês-guiadas realizadas com os entrevistados para complementação de dados e coleta de material (Fotos: Julia Ávila e Cássio Batista Marcon).

No caso de 5 entrevistas a metodologia turnê-guiada (Figura 4) não pôde ser aplicada, tanto no caso dos benzedores, como no caso dos atendidos, devido às pessoas não possuírem as plantas em casa, não encontrarem nas proximidades de sua residência, não saberem onde encontrá-la (pegando-as, nesse caso, com pessoas conhecidas) ou ainda colhendo-as em terrenos privados com acesso, no momento da coleta, indisponível. Também foi comum ocorrerem citações de que a época do ano do presente estudo não era a época de determinada planta “vir” ou não ser a época de produção de flores e frutos, o que dificultou algumas identificações botânicas.

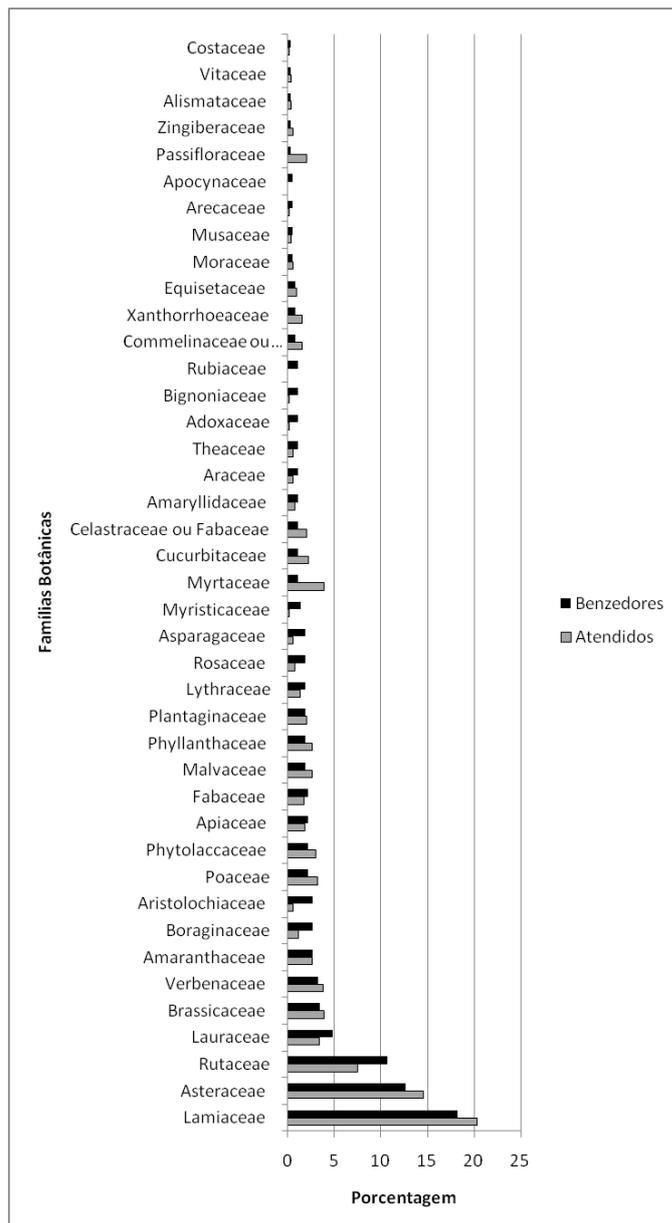


Figura 5. Porcentagem de citações das Família Botânicas usadas como medicinais por benzedores (N=23) e atendidos (N=37) de Imituba e Garopaba-SC.

Através das curvas de acumulação (Figura 6) para ambos os grupos, percebemos que o conhecimento dos benzedores é maior que o de seus atendidos, não havendo, inclusive, sobreposição das curvas por grupo. A alta inclinação no final da curva do grupo benzedores indica ainda que os benzedores possuem uma tendência de terem um conhecimento referente à plantas medicinais ainda maior caso fossem encontrados outros na região, quando comparado aos atendidos.

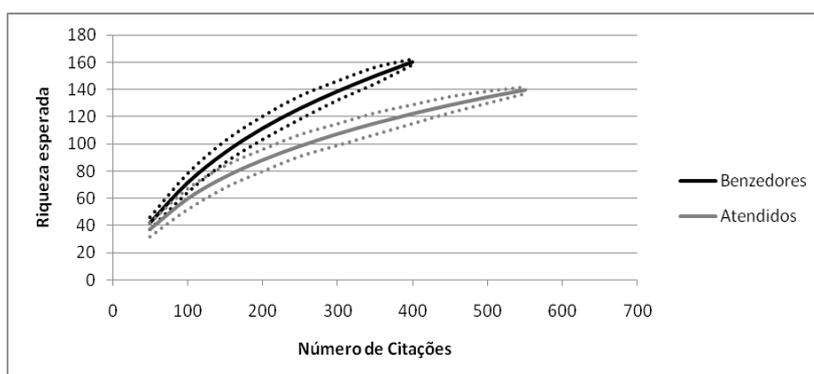


Figura 6. Curva de Acumulação de Espécies.

Para 6 entrevistados (2 benzedores e 4 atendidos) o uso de plantas para “usos ritualísticos” foi

perguntando no final da citação livre de plantas medicinais, por apenas esses não citarem plantas com esse fim ao serem perguntados sobre plantas medicinais. Apesar de não estar incluso na metodologia inicial, isso permitiu ampliar as informações obtidas referentes a plantas utilizadas com esse fim pelos mesmos.

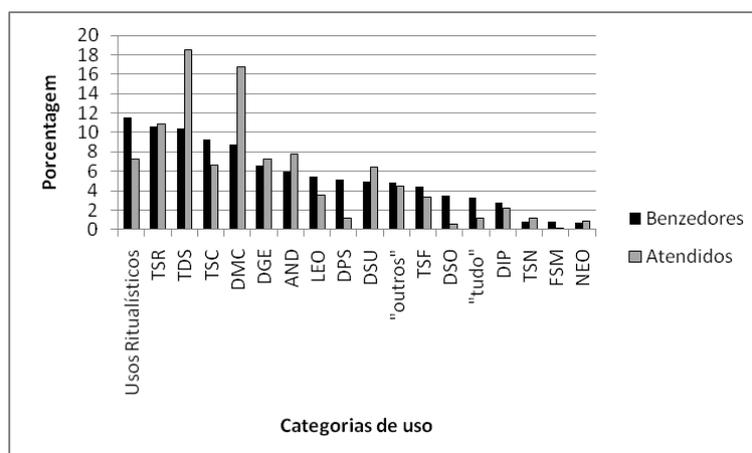


Figura 7. Categorias de usos das plantas citadas como medicinais por benzedores (n=16) e atendidos (n=37) de Imbituba e Garopaba-SC.

A indicação de uso das plantas citadas pelos benzedores foi alta para “usos ritualísticos” (Figura 7), o que pode estar relacionado à maior facilidade de recordar de plantas mais utilizadas e/ou obtidas com mais frequência, sendo que alguns autores relacionam os transtornos mais mencionados com a natureza das doenças que mais atingem a população (ALMEIDA & ALBUQUERQUE, 2002).

Para os atendidos pelos benzedores essa categoria de uso também foi mais representativa do que em outros levantamentos etnobotânicos realizados em Florianópolis (GIRALDI, 2009) e Imbituba (ZANK, 2011), sendo a quinta categoria de maior uso, o que pode provir do fato de todo o grupo estudado frequentar os benzedores e/ou compartilharem, ao menos em partes, da visão dos benzedores referentes ao processo terapêutico e à saúde.

As outras categorias de uso das plantas mais citadas pelos benzedores foram para o “Sistema Respiratório, Digestório, Nervoso” e para “Doenças Mentais e Comportamentais” respectivamente. Outros trabalhos apontam o “Sistema Respiratório, Digestório e Nervoso” como uma das principais afecções as quais os benzedores recorrem às plantas (MACIEL & NETO, 2006; AMOROZO, 2002; ALMEIDA & ALBUQUERQUE, 2002). As siglas de cada categoria está explicitada no anexo 6 do presente trabalho.

A categoria mais citada de uso pelos atendidos foi para “Tratar doenças do Sistema Digestório”, sendo similar ao resultado obtido por Zank (2011), bem como a outros trabalhos realizados no bioma da restinga e da Mata Atlântica (BEGOSSI et al., 2002; PINTO et al., 2006; GIRALDI, 2009). Seguida das categorias: “Desordens Mentais e Comportamentais”, “Transtornos do Sistema Respiratório”, “Afecções Não-Definidas” e “Usos-Ritualísticos”.

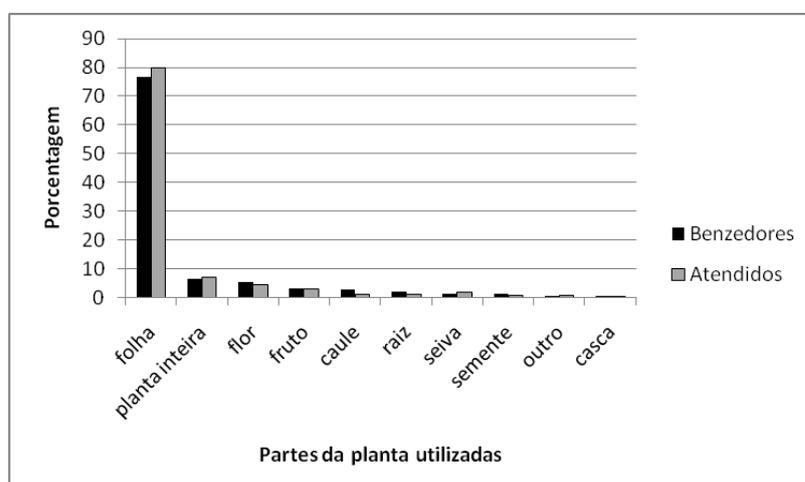


Figura 8. Porcentagem das partes das plantas utilizadas com fins medicinais pelos benzedores (n=16) e seus atendidos (n=37) em Imbituba e Garopaba-SC.

A parte mais usada das plantas com fins medicinais (Figura 8), para ambos os grupos, é a folha (77% no caso dos benzedores e 80% no caso dos atendidos). Esse resultado é similar ao obtido por diversos estudos etnobotânicos em outras regiões brasileiras (ZANK, 2011; GIRALDI, 2009; MACIEL & NETO, 2006; AMOROZO, 2002).

A forma mais utilizada das plantas como medicamentos é através de chás (Figura 9), 69% no caso dos benzedores e 74% no caso dos atendidos, como em outros levantamentos etnobotânicos com benzedores (MACIEL & NETO, 2006; SANTOS & GUARIM-NETO, 2005).

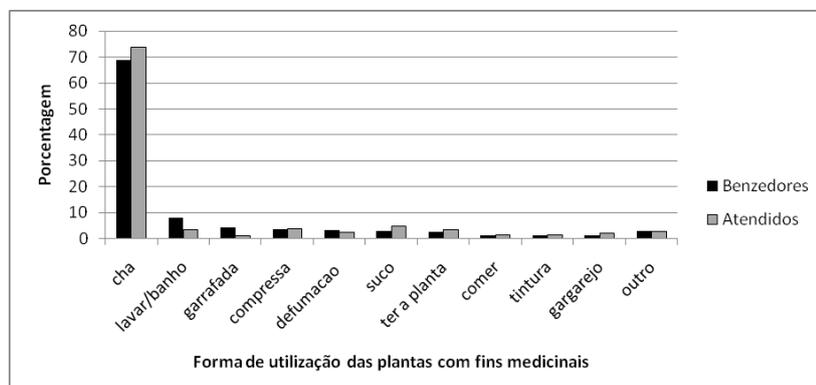


Figura 9. Porcentagem de formas de utilização das plantas como medicinais por benzedores (n=16) e seus atendidos (n=37) em Imbituba e Garopaba-SC.

A principal forma de obtenção das plantas com fins medicinais, tanto para benzedores, quanto para seus atendidos, é através dos quintais (Figura 10). Como exposto anteriormente, existem citações dos entrevistados que relatam que atualmente há uma diminuição na quantidade de quintais na região, havendo para isso duas justificativas principais por parte dos entrevistados: devido à um menor interesse na produção e manutenção dos quintais atualmente, principalmente pelos jovens, que preferem a maior facilidade atual no acesso e na forma de utilização, dos remédios industrializados, também devido a rapidez dos efeitos; bem como ao fato das famílias dividirem seus terrenos com parentes que, sem ter opção, constroem suas residências onde antigamente realizavam o cultivo e a manutenção das plantas, o que pode estar relacionado à citada intensa especulação imobiliária na região, que torna de alto custo os terrenos e as casas, dificultando a manutenção das formas tradicionais de uso das plantas medicinais e das formas de cura praticadas pelos benzedores.

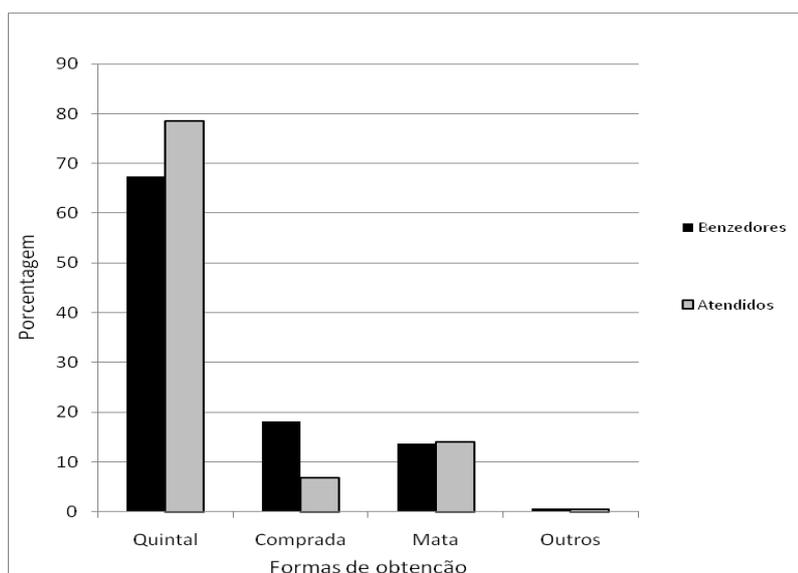


Figura 10. Porcentagem dos locais de obtenção das plantas usadas medicinalmente por benzedores (n=16) e seus atendidos (n=37) em Imbituba e Garopaba-SC.

Já foi apontado que as plantas usadas medicinalmente por pessoas do sexo feminino são em menor número obtidas nas matas, sendo essas citadas principalmente por homens, cujo trabalho fora de casa contribuiria para conhecer mais plantas nativas da região encontradas nesses ambientes (HANAZAKI *et al.*, 2000), podemos assim supor que o fato de 62% dos benzedores considerarem a obtenção das plantas em geral ou algumas vezes difícil, reflete a dificuldade de obtê-las principalmente nos quintais, bem como nas matas da região, contribui para

que a forma de obtenção das plantas usadas medicinalmente através da compra seja significativa (Figura 11).



Figura 11. O uso do chá industrial e da compra de plantas pelos moradores da área de estudo.

As outras formas de obtenção das plantas como, através de postos de saúde, de doações da igreja ou colhidas nas roças, foram citadas em escala pequena. Quanto à obtenção em postos de saúde, como está previsto na portaria do SUS, houve algumas citações que relatam haver médicos que indicam e ensinam sua utilização das plantas como medicinais e, quando possível, fornecem as plantas. Houve relatos que indicam que alguns médicos são adeptos aos usos das plantas, enquanto outros não confiam nessa forma de cura, fato que representa em alguns casos uma quebra na forma de tratamento dos pacientes que iniciaram seu tratamento através das plantas.

Aprendizado

A forma mais citada de como os benzedores aprenderam a arte de benzer foi “com Deus” ou “por um dom recebido de Deus” (56%), 12% diz ter aprendido com Espíritos que lhes apareceram através de um sonho (ou não) e lhes passaram o conhecimento ou lhes informaram que tinham essa habilidade (ou essa missão), ensinando, inclusive algumas rezas ou utilizações sobre as plantas com fins medicinais, 12% aprenderam com a mãe ou avó, 12% dizem não saber benzer (pois eles simplesmente incorporam o espírito que realiza esse trabalho¹⁷) e 6% aprendeu a habilidade com um vizinho.

Dentre os benzedores entrevistados que disseram ter aprendido a arte de benzer com Deus ou por um dom recebido, todos citaram que não poderiam transmiti-los nem mesmo a parentes próximos, devido a esse dom ter sido concedido por uma força superior, podendo caber como justificativa à alta faixa etária dos benzedores da região, já que, na visão da comunidade local, os jovens somente por uma vontade “divina” poderiam ser iniciados à essa habilidade.

Essa visão majoritária referente à transmissão das benzeduras difere do registrado por Araújo *et al.* (2010) ao estudar as comunidades de Brumado, Guanambi, Macaúbas e Urandi na Bahia e por Santos & Guarim-Neto (2005) em Alta Floresta-MG, onde todos os benzedores entrevistados relataram adquirir a arte de benzer através de herança familiar, sendo que essa pode ser transmitida a qualquer pessoa que tenha interesse em aprender.

Porém, cabe ressaltar que 69% dos benzedores residentes em Imbituba e Garopaba citaram que outras pessoas da família benziam quando vivos ou benzem atualmente (sendo esses em 82% das vezes um parente do sexo feminino e 18% das vezes um parente do sexo masculino), havendo apenas uma benzedora citou que esses parentes seriam de gerações posteriores à sua, no caso, suas duas filhas.

Assim, pode-se considerar que é alta a frequência de pessoas que possuem ou possuíam membros na

¹⁷ Nesse caso, ao incorporar um espírito, uma benzedora relatou que este transmite aos que necessitam o nome e a utilidade das plantas, porém, a benzedora em si não lembra o que o espírito falou e, segundo a benzedora, apesar de saber sobre plantas medicinais, não é esse o conhecimento que indica aos que o procuram. Como um dos objetivos do presente trabalho é identificar o conhecimento que os próprios benzedores tem sobre as plantas medicinais, foi feita a entrevista a partir do que a benzedora entrevistada conhece sobre as plantas medicinais, independentemente do fato de que seus atendidos possam receber outras informações sobre as plantas medicinais.

família que também benzem e supor que apesar de ser citado que o dom de benzer não pode ser transmitido, o fato de ter parentes que benzem pode de alguma maneira contribuir com continuidade de sua prática através dos familiares. Santos & Guarim-Neto (2005), relatam que o fato de se tornar benzedor na região de seu estudo (Alta Floresta-MT) parece estar relacionado, na maioria dos casos, a necessidades pessoais e familiares, em que, através do auxílio de parentes próximos, como a mãe ou avó, que já desempenhavam tal função, outras pessoas da família passam a desenvolver tal atividade.

Foi relatado, tanto por benzedores como por atendidos, que a transmissão das bênçãos não eram feitas, mas algumas rezas eram ensinadas ou indicadas (como o “Pai-nosso”, a “Ave-Maria” e a oração de “Padre Cícero”), havendo entrevistados que citaram que se o benzedor ensinasse a benzer, inclusive para parentes, este perderia seu poder. Apesar do exposto, dois atendidos conheciam as rezas utilizadas e citaram seus versos, sendo um deles usado para Zipra e muito similar a uma bênção também para Zipra registrada no trabalho de Dias (2009) sobre a etnografia das benzedoras e benzeduras da Lagoa da Conceição, Florianópolis-SC. Além disso, em ambos os casos houve citações do uso da mesma planta, a Laranja (*Citrus* sp.), para tratar a Zipra, o que pode indicar que esse conhecimento é, ou já foi em algum momento, compartilhado entre as localidades (Tabela 6).

Tabela 6: Rezas similares registradas em Imbituba e Florianópolis.

Florianópolis (Dias, 2009)	Imbituba (156, ♀ 74 anos)
Pedro Paulo vai a Roma encontrar com Jesus Cristo.	São Pedro vinha de Roma
Jesus Cristo perguntou: _ Onde vais Paulo?	Encontrou com Jesus Cristo
_ Eu vou em Roma.	Jesus Cristo perguntou: O que há por lá?
_ É o que há por lá, Paulo?	É a Zipra e a Zipela
_ Muita Zipra e Zipela, muita gente morre dela!	Volta lá e benze ela
Com isso eu te curaria em nome de Deus e da Virgem Maria.	Em nome de Deus, da Virgem Maria e das três pessoas do Espírito Santo.
	Amém
Usar o suco de laranja com açúcar e um pouco de óleo de cozinha	Faz o chá com folha de laranja, bota o chá de erva com azeite doce.

Quatorze benzedores citaram ensinar quais plantas são usadas como medicinais e indicam seu uso e 2 dizem não ensinar, em um dos casos isso se dá pelo benzedor dizer não saber sobre plantas usadas com fins medicinais, e, em outro, o benzedor explica que fornece apenas garrafadas contra veneno de cobra, não sabendo e não indicando a utilização separadamente das plantas que a compõem. O trabalho do último benzedor citado deu-lhe o título de “Cidadão Honorário” pela prefeitura do município de Imbituba, segundo esse, devido ao grande número de pessoas que já auxiliou.

Os atendidos pelos benzedores, em sua maioria (84%), também ensinam as plantas usadas como medicinais e suas formas de uso. Dentre esses 84% ensinam a quem necessita ou lhes pergunta, independentemente de serem parentes ou pessoas próximas.

Com relação à principal forma como os benzedores aprenderam sobre plantas medicinais 37% aprenderam com parentes do sexo feminino de gerações anteriores (mãe e/ou avó e/ou bisavó), corroborando com Amorozo (1996), que ressalta que a socialização do conhecimento nas comunidades, muitas vezes por transmissão oral dos membros mais velhos para os mais novos, sem a mediação de uma instituição, permite a perpetuação de informações valiosas também sobre o cultivo, manejo e utilidades das plantas. 25% disseram que nasceu sabendo ou que foi um dom dado por Deus; 19% citaram que aprenderam com espíritos ou guias; 12% disseram que aprendeu sozinho (“*sei da própria cabeça*” II, ♀ 80 anos); 6% aprenderam com a pastoral da saúde; 6% aprenderam com um curandeiro e 6% dizem não saber de planta, explicando que apenas benze sem fazer uso das mesmas, nem para benzer, nem como medicamento.

Percebe-se que a maior parte dos benzedores aprendeu sobre plantas medicinais através de conversas informais, salientando a importância dessa forma de transmissão no conhecimento sobre plantas medicinais dos mesmos. Nesse caso, percebe-se mais uma vez a influência das mulheres na transmissão e manutenção do conhecimento, como também foi apontado por Maciel & Neto (2006), e, mesmo que apenas 6% dos benzedores tenham dito aprender principalmente com um benzedor, no grupo atendidos 27% aprenderam com os benzedores, o que explicita que isso ocorre na comunidade e exalta a importância do papel que os benzedores podem exercer na mesma. O mesmo pode-se dizer sobre a Pastoral da Saúde, que apesar ter sido pouco citada, influência nesse conhecimento (Figura 12).



Figura 12. Livro da Pastoral da Saúde que ensina a utilização e forma de preparo das plantas com finalidades terapêuticas.

Apesar de não aparecer como resposta principal a essa pergunta para os benzedores, os meios de comunicação, como televisão e livros, surgiram no decorrer das entrevistas como influentes no conhecimento referente a plantas usadas medicinalmente por eles ou na comunidade: “Aprendi com a mãe, a mãe benzia, o avô, da Bahia, era curandeiro, a mãe aprendeu muito com ele... hoje também estudo, tenho livro.” (I33, ♀ 76 anos).

A maioria dos atendidos aprendeu com os parentes (73%), sendo que 30% desses parentes benziam ou benzem atualmente, mostrando mais uma vez certa relação de seu conhecimento ao fato de seus parentes serem benzedores. Apesar da alta utilização de plantas recentemente houve grande proporção de atendidos que citou que atualmente sabe-se menos de plantas, podendo-se supor que os benzedores, mães, pais, avós e avôs, ao longo dos anos, serão portadores de um conhecimento que está em decadência apesar de atualmente usadas e algumas vezes preferidas, tendo grande importância na manutenção e transmissão desse conhecimento.

Um estudo realizado no bairro de Ibiraquera (Imbituba-SC, Brasil) nos permite salientar a importância do imaginário e da cultura, nesse caso, de Santa Catarina, na transmissão de conhecimentos sobre o uso das ervas e das formas de busca pelo equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual visando a manutenção da saúde e obtenção da cura (JERÔNIMO, 2007). O autor apresenta a opinião de um morador da região que considera o boi-de-mamão uma importante atividade folclórica, por proporcionar a integração dos nativos e entre as comunidades próximas, e, salienta que através da oralidade as tradições, crenças e superstições da região são transmitidas, como em outras culturas, por intermédio de lendas, contos, provérbios e canções (JERÔNIMO, 2007).

As informações referentes ao aprendizado dos benzedores e atendidos podem ser observadas sinteticamente na tabela 7, apresentada abaixo.

Tabela 7. Informações referentes ao aprendizado dos benzedores e seus atendidos.

	Benzedores (n=16)	Indicados (n=8)	Aleatórios (n=29)
Com quem aprendeu a benzer?			
Deus/É um Dom	09	-	-
Espírito	02	-	-
Mãe/Avó	02	-	-
Espírito que incorpora que benze	02	-	-
Com o vizinho	01	-	-
Sozinho	01	-	-
Você ensina as pessoas a usarem as plantas para curar entre outros?			
Sim	13	-	-
Não	03	-	-
Quem precisa	11	5	21
Apenas os parentes	02	3	02
Não ensina	-	-	06
Com quem aprendeu sobre plantas medicinais?			
Parentes	06	07	20
Nasceu sabendo/ É um dom dado por Deus	04	-	-
Espíritos	03	-	-
Aprendeu sozinho	02	-	-
Pastoral	01	-	-
Não sabe de planta	01	-	-
Com um curandeiro	01	01	07
Meios de comunicação	-	-	02
Com vizinhos	-	-	04

O passado e o presente das benzeduras na visão dos benzedores e seus atendidos

Ao perguntar se existem diferenças entre o passado e o presente e porquê¹⁸ (Tabela 8) 75% dos benzedores citou que antigamente usavam mais plantas, havendo três justificativas principais para que isso ocorra: haver mais acesso a plantas antigamente, devido as pessoas confiarem mais no poder terapêutico das plantas antigamente e consideraram que antigamente o uso de plantas e a ida aos benzedores era o que havia disponível para se cuidar e tratar.

As outras diferenças entre o passado e o presente citadas pelos benzedores foram: que hoje as plantas usadas são mais compradas que antigamente; que o conhecimento sobre as plantas diminuiu; que hoje o conhecimento sobre as plantas aumentou, pois o tempo lhes esclarece ou por atualmente haver maior facilidade aos meios de comunicação e que hoje as pessoas se benzem menos.

Quanto ao número de pessoas atendidas semanalmente todas disseram que isso variava, algumas vezes, devido até a estação do ano e o conseqüente fluxo de turistas. As maiores porcentagens se concentraram em: menos de 10 pessoas atendidas por semana para 25% dos entrevistados e mais de 40 pessoas atendidas por semana, para 25% dos entrevistados, sendo que 56% consideram que esse número diminuiu quando comparado com antigamente; 44% consideram que sempre foi mais ou menos esse número de atendidos semanalmente, e 6% consideram que houve um aumento no número de atendidos. Percebe-se, que apesar de alguns benzedores relatarem que o número de atendidos diminuiu, uma porcentagem considerável relata que o número de atendidos se manteve e para alguns até aumentou, indicando que a prática da benzedura continua uma prática terapêutica procurada e importante na região, apesar de certa decadência com relação ao passado, corroborando com Machado (2002) no sentido de permanência ao longo do tempo apesar das re-significações devido às mudanças culturais.

Com relação aos parentes dos atendidos 62% dos entrevistados têm algum parente que utiliza atualmente os serviços prestados pelos benzedores, 22% tem parentes que os utilizavam no passado, mas não atualmente, indicando certo desuso das benzeduras e 16% não tem nenhum parente que já os utilizou. Verificou-se que 54% dos atendidos frequenta mais de um benzedor ou disseram que se houvessem outros benzedores na região iriam, confirmando novamente o quanto essa prática tem diminuído ao longo do tempo e 46% disse que frequentam apenas um benzedor, que a família já frequentava, por ter mais confiança nele ou pelas boas recomendações dos conhecidos.

Tabela 8. Opinião dos Benzedores Referentes a mudanças entre o passado e presente.

Mudanças entre o presente e o passado?	Usam menos planta atualmente	12
	Hoje vão mais no médico e usam remédio	05
	Hoje compram mais as plantas	04
	Sabem mais de planta agora	03
	Sabiam mais de planta antes	03
	Benziam mais	02
<hr/>		
Outras pessoas da família também benzem ou benziam?		
Sim - Mulheres (mãe, avó, tia)		09
Sim - Homens (pai, tio)		02
Não		05
<hr/>		
Quantas pessoas em média você atende por semana?		
Menos de 10		04
10 à 20		01
21 à 30		03
31 à 40		02
Mais de 40		04
Atende só parente ou conhecido		02

¹⁸ Quanto a análise dessa pergunta cabe ressaltar que cada resposta poderia conter mais de um parâmetro estabelecidos para analisá-las, portanto, pôde ser contabilizada em quantos parâmetros apresentasse. Assim, os trechos citados podem estar presentes em mais de um parâmetro do que o que está exposto como citação.

Sempre foi mais ou menos esse número de atendidos?

Mais ou menos a mesma coisa	07
Hoje vem menos	09
Hoje vem mais	01

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os recursos terapêuticos das diversas culturas são variados e estão atrelados à visão de saúde-doença das mesmas, se mostrando como algo dinâmico, que varia ao longo do tempo. As formas de atuação dos benzedores explicitaram que esses auxiliam em aspectos, físicos, emocionais e espirituais na manutenção da saúde. Entretanto, a atual visão dos jovens referente ao processo de doença e cura pode ser responsável por esses não acreditarem, como as gerações anteriores, que os benzedores possam contribuir para a cura. Houve, entretanto, citações que explicitam que o número de atendimentos de alguns benzedores aumentou recentemente e outras que representam que pode haver uma mudança referente a esse processo ao longo da vida, tanto no caso dos benzedores como dos que recorrem à esses, indicando que a demanda dessa forma de cura pode continuar presente, apesar de uma provável diminuição ao longo do tempo.

Os benzedores auxiliam na manutenção da saúde popular devido à sua forma de ver e lidar com a doença e à escuta e amizade com os atendidos, representando uma figura importante na manutenção da saúde da população local, que pode, inclusive, ser inserida no SUS, como no caso de Rebouças-PR. Contudo, a benzedura, como recurso terapêutico, devido a questões histórico-políticas, a valorização da ciência acadêmica e a falta de sua recorrência pelo jovens, sofre certa decadência, sendo preocupante a idade elevada dos seus praticantes. Apesar dessa prática ainda estar presente e ser consideravelmente utilizada na região de estudo, não se sabe por quanto tempo ela estará presente na área.

É notável a importância dos recursos vegetais com finalidades medicinais, bem como seus locais de obtenção, pelos benzedores de Imbituba e Garopaba, sendo seu conhecimento referente a plantas medicinais extenso e transmitido, em geral, às pessoas que recorrem às esses, indicando que os benzedores na região são importantes na continuidade do uso das plantas com esses fins. A certa decadência apontada representa fragilidade na manutenção desse conhecimento ao longo do tempo na região e a redução dos locais de obtenção da plantas pode representar um aumento ainda maior nas dificuldades de sua coleta e na manutenção dos saberes referentes à identificação das plantas, seus usos e às suas formas de utilização.

O conhecimento sobre as plantas com fins medicinais das pessoas que recorrem aos benzedores também se mostrou presente, indicando uma importante forma de cuidado na saúde e, apesar de muitas vezes ser relatado por esses que seu conhecimento provém principalmente de familiares, os benzedores mostraram contribuir na manutenção desse conhecimento local e no plantio das plantas utilizadas nos quintais de quem os procura. Assim, essa relação com as plantas medicinais contribui para uma maior autonomia quanto à cura e ao tratamento de diversas enfermidades.

A grande preferência das plantas usadas medicinalmente em relação aos remédios industrializados explicita também que pode haver um maior preparo e esforço médico a fim de incluir essa forma terapêutica com maior frequência no SUS. Esse esforço seria importante também para estimular a população a conhecer efeitos comprovados quanto à toxicidade, ação abortiva e formas seguras de preparo e utilização das plantas.

DEVOLUTIVAS DA PESQUISA

As devolutivas, ou retorno dos resultados da pesquisa, ocorrerá através de atividades lúdicas e distribuição de material impresso nas escolas municipais de ensino. O citado material conterá informações não apenas sobre as plantas usadas medicinalmente, mas também sobre a prática curativa tradicional da benzedura na região, salientando o saber atrelado aos seus praticantes e alternativas para isso ser valorizado e mantido na comunidade.

Retornarei à casa dos benzedores e atendidos para repassar as informações obtidas no presente estudo, junto ao material impresso produzido. Além disso, apresentarei o trabalho e resultados encontrados na Associação Comunitária Rural de Imbituba (ACORDI) e os disponibilizarei uma versão do presente trabalho, bem como à

biblioteca municipal de ambos os municípios.

Também estou fazendo um primeiro contado para tentar incluir as plantas aqui citadas e seus usos em um projeto de “Farmacopéia Popular” dos 6 Biomas Brasileiros da ONG Pacari, visando garantir a continuidade de livre acesso às plantas que as comunidades locais reconhecem como medicinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, G.O. **Mulheres negras da montanha: as benzedoras de Rio de Contas (Bahia) na recuperação da saúde.** Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 21, 2009.

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à Etnobotânica.** 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

ALBUQUERQUE, U.P. et al. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica.** Recife: Comunigraf. p. 21-72, 2008.

ALCORN, J.B. **The Scope and Aims of Ethnobotany in a Developing World.** In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (Eds.). *Ethnobotany: Evolution of a discipline.* Oregon: Dioscorides Press, p. 23-39, 1995.

ALEXIADES, M.N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual.** New York: The New York Botanical Garden, 1996.

ALMEIDA, C.F.C.B.R. & ALBUQUERQUE, U.P. **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil: Um estudo de caso.** Interciência. v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.

AMOROZO, M.C.M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais.** In: DI STASI, Luiz Cláudio (org.). **Plantas medicinais: um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, p. 47-68, 1996.

AMOROZO, M.C.M. **Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil.** Acta Botânica Brasílica 16(2): 189-203, 2002.

AMOROZO, M.C.M. **Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil.** Journal of Ethnobiology. 24(1): 139-161, 2004.

ARAÚJO, M.C. et al. **A interferência da benzedura no processo terapêutico.** Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação Campus XII – Guanambi-BA XV Semana Acadêmica, 2010.

ARAÚJO, F.L. **Representações de Doença e Cura no Contexto da Prática Popular da Medicina: Estudo de caso sobre uma benzedora.** Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 28, 2011.

BAILEY, K. **Methods of social research.** New York: The Free Press, 1994.

BEGOSSI, A. et al. **Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use and conservation.** Human Ecology 30(3): 281-299, 2002.

BORBA, A.M. et al. **Odontologia alternativa com plantas medicinais na Chapada dos Guimarães – Mato Grosso – Brasil.** Revista Sul-Brasileira de Odontologia, vol. 5, n. 1, p. 43-49, 2008.

BOSCOLO, O. H. & VALLE, L. S. **Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil.** IHERINGIA, Sér. Bot., Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 263-277, jul./dez. 2008.

BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna.** 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRUSCHI, A. et al. **Prevalência e procura de ajuda na violência conjugal física ao longo da vida.** Rev. Saúde Pública 2006; 40(2):256-64, 2006.

BRUSIUS, C. K. **A influência do turismo na expansão da Contrução Civil no município de Garopaba.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

CABRAL, O. **Medicina, médicos e charlatães do passado.** IBGE, Departamento Estadual de Estatística. Estado de Santa Catarina. Imprensa Oficial, publicação n.25, 1942.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.

CARVALHO, S.M.S. et al., **Transmissão da arte de benzer e curar com as plantas.** In: *Perpectivas*, São Paulo, 5:53-72, 1982.

CASCAES, F. **O Fantástico na ilha de Santa Catarina.** 5ª edição, Editora da UFSC, p.103, 2003.

CINTRÓN & SCHAEFFER-NOVELLI *Introducción a La Ecología Del manglar.* UNESCO-ROSLAC. 1983.

DAVIS, E.W. **Ethnobotany: An Old Practice, A New Discipline.** In: SCHULTES, R.E.; REIS, S. (Eds.). *Ethnobotany: Evolution of a discipline.* Oregon: Dioscorides Press, p. 40-51, 1995.

DIAS, L.G. **“O QUE É QUE EU CÔSO”:** uma etnografia sobre benzedeadas e benzeduras da Lagoa da Conceição. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, 2009.

ELISABETSKY, E. & SETZER, R. **Caboclo concepts of disease, diagnosis and therapy: implications for ethnopharmacology and health systems in Amazonia.** In: PARKER, E.P. (ed.). *Studies in third world societies.* Williamsburg, 1985.

FABIANO, R.B. **Relatório Técnico Socioeconômica e Fundiário para a Criação de unidade de Conservação na região dos Areais da Ribanceira do Estado de Santa Catarina.** In: Relatório Técnico para a Criação de Unidade de Conservação na região da Lagoa de Ibiraquera/ Santa Catarina, 2007.

GADGIL, M. et al. **Indigenous Knowledge for Biodiversity Conservation.** *Ambio*, v. 22, p. 151-156, 1993.

GIRALDI, M. **Uso e Conhecimento Tradicional de Plantas Medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC, Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

GOMES, N.P.M. & PEREIRA, E.A. **Assim se benze em Minas Gerais.** Juiz de Fora, Mazza/EDUFJF, 1989.

GORZONI, P. **Mulheres de fé.** Raízes, [S.l.], p.69-76, 2005.

GOTELLI, N.J. & ENTSMINGER, G.L. 2009. **EcoSim: null models software for ecology.** Acquired Intelligence Inc. & Kesey-Bear. Jericho, VT 05456. [on line]. Disponível em: <http://www.garyentsminger.com/ecosim/index.htm>. (Acessado em 19/05/12).

GUERRA, C. M. *et al.* **Cuidado e Espiritualidade: Uma abordagem a partir de práticas integrativas em saúde.** Trabalho de Conclusão de Curso de Residência Multiprofissional em Saúde da Família do Programa de residência Integrada em Saúde da Família da Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

JERÔNIMO, R.N.T. **O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade.** *Psic.: Teor. E Pesq.* v.24 n.2 Brasília, 2008.

KÜLKAMP, I.C. *et. al.* **Aceitação de práticas não-convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina.** *Rev. bras. educ. med.* v.31 n.3 Rio de Janeiro (Sept./Dec.), 2007.

LEMONS, C. T. **Religião e Saúde: (re)significando as dores na vida cotidiana.** Rio de Janeiro: Descubra, 2008.

LIMA, R. X. **Estudos Etnobotânicos em Comunidades Continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – Paraná – Brasil.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, 1996.

LORENZI, H. & MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** 2ª ed. Nova Odessa: Plantarum, 2008.

MACHADO, M.C.T. **Cultura Popular: um contínuo refazer de praticas e representações** In: *Historia e Cultura – Espaços Plurais.* Uberlândia: Aspectus, 2002.

MACIEL, M. & NETO, G.G. **Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar.** In: *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 3, p. 61-77,

2006.

MALUF, S. W. **Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição: um estudo sobre representações de poder feminino na ilha de Santa Catarina.** Rev. Crítica de Ciências Sociais, n. 34, 1992.

MENEGOTTO, C. A. & CARNEIRO, C. F. **Benzedura: família Ferreira e a arte de curar pela fé.** p. 18-21, 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/noticias/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicosdisponibiliza-consulta-publica-1>. (Acessado em 12/06/11).

MINNIS, P.E. Introduction. In: MINNIS, P.E. (ed.) **Ethnobotany: a reader.** Norman: U. Oklahoma Press, 2000.

MORAES, L. N. R. **Medicina, empirismo e outras práticas no sul do Brasil, no século XIX e início do XX.** In: Colóquio Internacional Portugal/ Brasil, p.110, 2001.

NERY, V.C.A. et al. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.** In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Universidade de Brasília-GO, 2006.

HANAZAKI, N. *et al.* **Diversity of plant uses in two Caçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil.** Biodiversity and Conservation 9: 597-615, 2000.

PAGNI, P. **Fernando de Azevedo: educador do corpo.** Dissertação de Mestrado em Educação – Cogear, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.182. 1994.

PANIZZA, S. **Plantas que curam: cheiro de mato.** São Paulo: IBRASA, 5 ed., 1997.

PARKER, C. **Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 1995.

PERES, C.S. & MARQUES, H.P. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais da comunidade rural do Mato Dentro, Campos Gerais – MG.** Trabalho de Conclusão, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Campos Gerais, 2008.

PIERUCCI, A.F. **A magia.** São Paulo: Publifolha, 2001.

PINTO, E.P.P et al.. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica - Itacaré, BA, Brasil.** Acta Botânica Brasílica 20(4): 751-762., 2006.

- POHLMANN, G.G. **A medicina popular na Ilha de Santa Catarina.** Revista Santa Catarina em História, Florianópolis, v.1, n.2, 2007.
- PRIORI, M. D. **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império.** In: História das Crianças no Brasil. Mary Del Priori (org.), São Paulo, Contexto, 6ª ed., 2007.
- RAY, G.C. & MCCORMICK-RAY, M.G. **Coastal-marine protected areas: a moving target.** Australian Nature Conservation Agency: Canberra, 1994.
- REIS, A. *et al.* **Anais Botânicos do herbário “Barbosa Rodrigues”, Sellowia - 56/63.** p. 11 - 256, 2011.
- RIBEIRO, M.M. **Natureza, Doenças e Medicina entre os Séculos 18 e 19.** D. O. Leitura. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, n. 02, p. 64-73, Jan.- Fev. 2004.
- SANTOS, S.D. & GUARIM-NETO G. **Medicina tradicional praticada por benzedeiros de Alta Floresta, Mato Grosso. In: Desafios da Botânica Brasileira no Novo Milênio, Sistematização e Conservação da Diversidade Vegetal.** 54º Congresso Nacional, 3º Reunião Amazônica, Bol. Mus. Para Emílio Goeldi sér. Ciências Humanas Belém. v.1. n.2., p. 27- 50, 2005.
- SANTOS, D.L. **Nas encruzilhadas da cura: Crenças, saberes e diferentes práticas curativas.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2005.
- SCHRAIBER L.B. *et al.* **A violência contra mulheres: demandas espontâneas e busca ativa em unidade básica de saúde.** Saúde Soc.;9(1-2):3-15, 2000.
- SMEKE, E.L.M. **Espiritualidade e Atenção Primária à Saúde, contribuições para a prática cotidiana.** In: VASCONCELOS, E.M. (org.) A Espiritualidade no Trabalho em Saúde, p.296-324. São Paulo: Hucitec, 2006.
- SOUZA, L.M. **O Diabo e Terra de Santa Cruz.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SOUZA, C.G. *et al.* **Inventário Etnobotânico de Plantas Medicinais na Comunidade de Machadinho, Camaçari-BA.** Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre, v. 5, supl. 1, p. 549-551, jul. 2007. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/viewFile/555/470> (Acessado em 30/05/10).
- TOLEDO, V.M. **What is ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline.** Etnoecológica 1 (1): 5-21, 1995.
- TORRES, A.R. *et al.*, **Estudo sobre o uso de plantas medicinais em crianças hospitalizadas da cidade de João Pessoa: riscos e benefícios.** Rev. Bras. Farmacogn. Braz J. Pharmacogn. 15(4), 2005.

VALLE, T.L. **Coleta de germoplasma de plantas cultivadas.** In: M.C.M. Amorozo; L.C. Ming & S.P. Silva (eds.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. In: Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. Rio Claro, Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas, Gabinete do Reitor, UNESP/ CNPq. P. 129-154, 2002.

VERGER, P.F. **Ewé: O uso das plantas na sociedade Iorubá.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WITTER, N. C. **Curar com arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura.** Rio de Janeiro: UFF, n. 19, p. 13-25, abr. 2005.

ZANK, S. **O conhecimento sobre plantas medicinais em Unidades de Conservação de Uso Sustentável no litoral de SC: da etnobotânica ao empoderamento de comunidades rurais.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

ANEXOS

Anexo 01 - Certificado do Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

17/08/12

Certificado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CERTIFICADO N° 980

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º0584/GR.99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o contido no Regimento Interno do CEPSH, **CERTIFICA** que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

APROVADO

PROCESSO: 980

FR: 363846

TÍTULO: Etnobotânica de plantas utilizadas como medicinais por benzedeiros no município de Inbituba-SC

AUTOR: Natalia Hanazaki, Julia Vieira da Cunha Ávila

FLORIANÓPOLIS, 25 de Outubro de 2010.

Coordenador do CEPSH/UFSC

Anexo 02 – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA
Termo de Consentimento (Anuência Prévia)

Sou Julia Vieira da Cunha Avila, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, e estou desenvolvendo um trabalho sobre o uso e o conhecimento de plantas medicinais aqui na comunidade.

O título do trabalho é: “A influência místico-religiosa na diversidade e na utilização de plantas medicinais em Imbituba - SC”

O trabalho será apresentado na UFSC no primeiro semestre de 2011, como sendo o meu Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Biológicas. Além de mim, está envolvida no projeto minha orientadora, a professora Natália Hanazaki.

O que queremos com este trabalho é aprender com vocês sobre as plantas medicinais conhecidas e usadas aqui em Imbituba.

Algumas amostras de plantas poderão ser coletadas (folhas e frutos) e levadas para o laboratório, apenas para serem identificadas. Não vamos fazer nenhum trabalho de extração de princípios ativos; o nosso objetivo é estudar o conhecimento local sobre as plantas. Mas para que este trabalho possa ser realizado e possamos conhecer as plantas, gostaríamos de pedir autorização para visitá-lo (a), conversar sobre os usos e para coletar algumas plantas em seu quintal ou roça, assim como tirar algumas fotos das plantas e de vocês.

A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. É importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados a vocês e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas / Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, CEP 88010-970 Telefone: 3721-9460.

Entrevistado: Depois de saber sobre a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Entrevistado

Entrevistador

Município, Localidade

Data:

Anexo 03 – Questionário Sócio-econômico

Nome do entrevistador:

Data: _____

Comunidade:

Número da casa: _____ Número da entrevista _____

1. Nome: _____ 2. Sexo: _____ 3.

Idade: _____

4. Estado civil: _____ 5. Nº de filhos: _____

6. Número de residentes: _____

7. Local de nascimento: _____

8. Religião: _____

9. Tempo de residência no local: _____

11. Principal fonte de renda: _____

12. Qual a renda mensal da família em reais ou em salários mínimos?

13. Procura um médico quando está doente?

() sim () não

14. Procura outra pessoa (benzedeira, curandeira...)?

() sim () não () no passado

15. O(a) Sr.(a) utilizou medicamentos industrializados no último 1 mês?

Se sim, para que finalidades? (foco no núcleo familiar)

16. Utilizou plantas medicinais no último 1 mês? Para que finalidade? (foco no núcleo familiar)

17. Como aprendeu sobre as plantas medicinais?

18. Existe diferença no uso e conhecimento de plantas medicinais em relação ao passado e ao presente? Qual? (Por que ocorreu essa mudança?)

20. Quais são as plantas medicinais que você conhece? (Listagem livre)

Anexo 04 – Questionário referente à benzeduras e ao uso das plantas para a cura

Questões para os benzedores

1. Com quem aprendeu a benzer? Outras pessoas da família também benzem?
2. Qual o papel da benzedura no processo de cura?
3. Qual o papel das plantas para curar e para benzer?
4. Onde você consegue as plantas que usa? (É fácil obtê-las?)
5. Quantas pessoas em média você atende por semana? Sempre foi mais ou menos esse número?
6. Você ensina as pessoas a usarem as plantas para curar, benzer, proteger, entre outros? Quais são essas pessoas?
7. Tem alguma forma de retorno ou de troca pelo atendimento que faz?
8. O que você acha de um profissional de saúde entender e indicar o uso de plantas com fins medicinais?

Questões para os que são atendidos pelos benzedores

1. Qual o papel da benzedura no processo de cura?
2. Qual o papel das plantas durante as benzeduras?
3. Desde que idade você vai na benzedeira? E seus parentes também vão?
4. Você sempre vai na mesma benzedeira?
5. Com que frequência você vai na benzedeira?
6. Você cultiva na sua casa as plantas que as benzedadeiras usam para curar? Como você consegue elas?
7. Tem alguma forma de retorno à benzedeira?
8. Você ensina outras pessoas a usarem as plantas para curar, benzer, proteger, entre outros? Quem?
9. O que você acha de um profissional de saúde entender e indicar o uso de plantas com fins medicinais?

Anexo 05 – Listagem livre de plantas usadas com fins medicinais

Nº	Nome Popular	Uso Medicinal	Parte Utilizada	Modo de Preparo	Forma de Obtenção	Coleta	Foto
			<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Raiz <input type="checkbox"/> Caule <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Planta Inteira	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Garrafada <input type="checkbox"/> Compressa <input type="checkbox"/> Pomada	<input type="checkbox"/> Mata <input type="checkbox"/> Quintal <input type="checkbox"/> Comprada <input type="checkbox"/> _____		
			<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Raiz <input type="checkbox"/> Caule <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Planta Inteira	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Garrafada <input type="checkbox"/> Compressa <input type="checkbox"/> Pomada			
			<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Raiz <input type="checkbox"/> Caule <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Planta Inteira	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Garrafada <input type="checkbox"/> Compressa <input type="checkbox"/> Pomada			
			<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Raiz <input type="checkbox"/> Caule <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Planta Inteira	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Garrafada <input type="checkbox"/> Compressa <input type="checkbox"/> Pomada			
			<input type="checkbox"/> Folha <input type="checkbox"/> Raiz <input type="checkbox"/> Caule <input type="checkbox"/> Flor <input type="checkbox"/> Fruto <input type="checkbox"/> Planta Inteira	<input type="checkbox"/> Chá <input type="checkbox"/> Banho <input type="checkbox"/> Defumação <input type="checkbox"/> Garrafada <input type="checkbox"/> Compressa <input type="checkbox"/> Pomada			

Anexo 06 – Tabela indicativa das doenças presentes em cada categoria de uso.

CATEGORIAS DE USO	ENFERMIDADES CITADAS POR BENZEDORES E ATENDIDOS
Uso Ritualítico	Mau olhado, defumador, para espantar bruxas, benzer, simpatias diversas, para trazer o anjo-da guarda para perto, para “mandar embora”.
“Tudo”	Qualquer enfermidade.
Afecções ou dores não definidas (AND)	Febre, inflamação, infecção, Antibiótico, dor de tudo, pontada, dor de frio, dor no corpo, dor.
Desordens Mentais e Comportamentais (DMC)	Calmante, para dormir, recaída, caída de grávida, TPM, agonia, depressão pós-parto, "quando tá pra baixo", nervos, pessoa afobada, susto, para dar ânimo para trabalhar, tranqüilizante, cansaça, criança aborrecida, reina de criança, quando tá desanimado.
Doenças da pele e do tecido subcutâneo (DPS)	Eczema, furúnculo, zipra, ziprela, calor de figo, caspa
Doenças do sistema respiratório (TRS)	Gripe, resfriado, friagem, tosse, catarro, sinusite, bronquite, asma, garganta, rouquidão, “pulmão”.
Doenças do sistema nervoso (TSN)	Dor de cabeça, enxaqueca, “para o cérebro”.
Doenças do sistema osteomuscular (DSO)	Reumatismo, dor muscular, dor na coluna, torção no joelho, destroncado, osso quebrado.
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (DGE)	Colesterol alto, glicose, diabetes, emagrecer, vitamina, fígado, vesícula, amarelão (hepatite), “triza” ou “tiriza” (hepatite), anemia, fraqueza, intoxicação alimentar.
Doenças infecciosas e parasitárias (DIP)	Vermes, frieira, ainpingi (fungos), sarna, Sarampo, Malária, piolho, tétano.
Doenças no Sistema genitário feminino (TSF)	cólicas menstruais, regular a menstruação, induzir a menstruação, útero baixo, afrodisíaco.
Doenças no sistema urinário (TSU)	Dor nos rins, infecção nos rins, cistite, pedra nos rins, pedra na vesícula.

CATEGORIAS DE USO	ENFERMIDADES CITADAS POR BENZEDORES E ATENDIDOS
Doenças Sistema genitário Masculino (TSM)	Impotência, afrodisíaco.
Lesões, envenenamento e outras consequências de causas externas (LEO)	Machucado, pisadura, ferida, corte, queimadura, mordida de cobra e outros bichos, estancar o sangue.
Neoplasias (NEO)	Câncer.
Transtornos do sistema circulatório (TSC)	Coração, afinar o sangue, circulação, problemas de pressão, varizes, hemorróidas, perna inchada, “AVC”.
Transtornos do sistema digestório (TDS)	Intestino preso, dor no estômago, dor de barriga, diarreia, gastrite, enjôo (mal estar), induzir vômito, gases, má digestão, congestão, “queimor” no estômago, purgante, laxante, lua de criança (cólica).
“Outros”	Dor de dente, infecção na vista, ressaca, afta, alergia, hidratar o corpo, conjuntivite, fortalece sistema imunológico, labirintite

Anexo 07 – Glossário das doenças apontadas pelos entrevistados

Mau-olhado: Quando as pessoas invejam algo na pessoa ou algo que ela possui; quando não querem que as coisas dêem certo pro outro.

Arca-caída: Dores apontadas na região do tronco.

Recaída e Recaiada de Grávida: Quando fica muito triste, deprimido, no caso de mulheres grávidas associam à depressão pós-parto.

Cobrero: dizem que ocorre quando uma aranha passa e não pica, mas faz xixi. Na medicina associam a doença ao vírus da Herpes simples (tipo 1).

Pisadura: Edemas provindos de batidas ou problemas relacionados à circulação.

Zipra e Zipela: Relacionam a um vermelhão, associado a um calor que sobe pelo corpo; a diferença entre elas é a intensidade com que os sintomas ocorrem, a Zipra é mais amena que a Zipela.

Lua-de-criança: Termo usado para relatar cólicas digestivas, diferenciado essas das cólicas uterinas.

Quebrante: Quando fica muito triste, sendo que essa dor pode provir de fatos que ocorreram na vida da pessoa ou de pessoas que lhe desejam o mal.

Reina de criança: Quando a criança chora muito sem um motivo perceptível.

Tortura no pé: Quando se torce o pé.